



Fortalecendo as Raízes Democráticas da América Latina

RELATOS DE UMA VIAGEM
DE REPRESENTANTES DA
CASA SUELI CARNEIRO
AO CHILE E À COLÔMBIA

MARÇO DE 2022

Série
Diálogos
Internos
em Geledés

FORTALECENDO AS RAÍZES DEMOCRÁTICAS DA AMÉRICA LATINA

Relatos de uma viagem
de representantes da Casa Sueli Carneiro
ao Chile e à Colômbia
Março 2022

Série Diálogos Internos em Geledés



GELEDÉS
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO
E MEMÓRIA INSTITUCIONAL

Rua Santa Isabel, 137 – 4º andar – CEP: 01221-010
Vila Buarque, São Paulo/SP
www.geledes.org.

Ficha Técnica

Pesquisa e Redação

Iradj Eghrari

Projeto gráfico e diagramação

Antonio Carlos "KK" dos Santos Filho

Revisão

Smirna Cavalheiro e Layne Gabriele da Silva

Capa

Antonio Carlos "KK" dos Santos Filho

Realização

Geledés – Centro de Documentação e Memória Institucional

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha Catalográfica

F736f

Fortalecendo as raízes democráticas da América Latina:
Relatos de uma viagem de representantes da Casa
Sueli Carneiro ao Chile e a Colômbia - março de 2022/
organização Iradj Eghrari - São Paulo: Oralituras, 2025.
42 p. : il. (Série Diálogos Internos em Geledés, 6)
ISBN: 978-85-62750-19-9

1. Racismo estrutural. 2. Feminismo negro. 3. Democracia.
4. América Latina. I. Geledés Instituto da Mulher Negra.
II. Título.

CDD 320.98

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciência política: Governo e política da América do Sul 320.98
Lucineia Pereira Ribeiro – Bibliotecária – CRB-8/10400

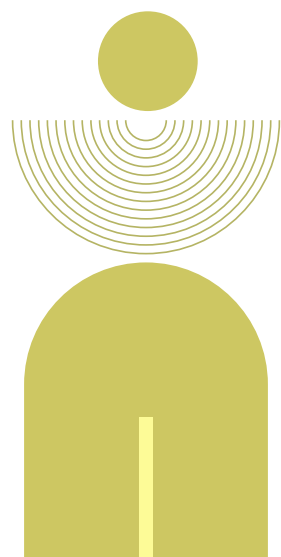
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

**São Paulo
2025**

Todos os direitos reservados a Geledés - Instituto da Mulher Negra
A ortografia dos textos anteriores à Reforma Ortográfica de 2009 foi mantida.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	7
2. UMA VISÃO GERAL DA VIAGEM	11
3. A VISITA À COLÔMBIA	15
4. A VISITA AO CHILE	31
O avanço do conservadorismo no Chile	37
A violência política no Chile	37
Reflexões sobre o movimento de rua no Chile e seu paralelo no Brasil	38
Aspectos da cultura de negociação política no Chile e no Brasil	38
Racismo presente no Chile	39
A população negra chilena e o racismo no Chile	40
A população negra chilena e o processo constituinte de 2021	41
Os materiais de divulgação para uso na posse de Gabriel Boric	42
A posse de Gabriel Boric	42
As mulheres no governo Boric	43
5. OUTROS COMENTÁRIOS DAS PARTICIPANTES NO DIÁLOGO	45



Introdução

A partir de uma iniciativa do Instituto Marielle Franco, com o apoio do Instituto de Referência Negra Peregum, uma comitiva de mulheres e homens negros do Brasil visitou, em março de 2022, a Colômbia e o Chile, com o objetivo de conhecer melhor a realidade da população negra nesses países, aprofundar o conhecimento sobre a realidade social dessas nações e buscar estreitar laços de colaboração com as organizações negras locais. Várias organizações negras brasileiras foram representadas na comitiva, e a Casa Sueli Carneiro, instituição parceira de Geledés - Instituto da Mulher Negra, esteve representada por Bianca Santana e Natália Carneiro¹.

Essa viagem ocorreu no mês de março de 2022, num momento icônico para os dois países. No Chile, acontecia a posse do presidente eleito Gabriel Boric, e, na Colômbia, iniciava-se a campanha vitoriosa do segundo turno que levou Francia Márquez a ser a primeira mulher negra a ocupar a vice-presidência daquele país.

Na volta ao Brasil, Bianca e Natália realizaram um encontro, um diálogo, um espaço de trocas de entendimentos e sentimentos, na sede de Geledés, em 16 de maio de 2022. O evento também foi transmitido pela internet para compartilhar suas experiências ao visitar Chile e Colômbia, apresentando suas percepções, sentimentos e vivências acerca dos eventos dos quais participaram e dos contatos que realizaram. A riqueza deste registro, que ora é trazido ao leitor e à leitora, fará com que sintam mais vividamente o que Bianca e Natália trouxeram de volta ao Brasil como legado de sua viagem.

O Centro de Documentação e Memória Institucional de Geledés oferece, nesta publicação, os detalhes do que Bianca e Natália nos trouxeram naquele encontro. Dada a riqueza das informações trazidas por ambas, julgou-se oportuno que cada momento, cada situação, cada lugar e cada pessoa com a qual elas dialogaram fossem também objeto de destaque neste registro. Assim, foi feita uma historiografia das principais referências mencionadas por elas em seu relato em Geledés, não apenas para ajudar o leitor e a leitora a se contextualizarem melhor, mas também para que este trabalho possa servir como um esboço de fonte de pesquisa para quem quiser se aprofundar no que foi abordado por Bianca e Natália.

Com este trabalho, o Centro de Documentação e Memória Institucional dá continuidade a uma linha de publicações que traz os diálogos que acontecem em Geledés, que traz um retrato dos diálogos e ações - pesquisas e viagens - que acontecem em Geledés. Publicações essas que oferecem as percepções de quem esteve a frente das ações, como também de quem esteve participante dos "Diálogos em Geledés".

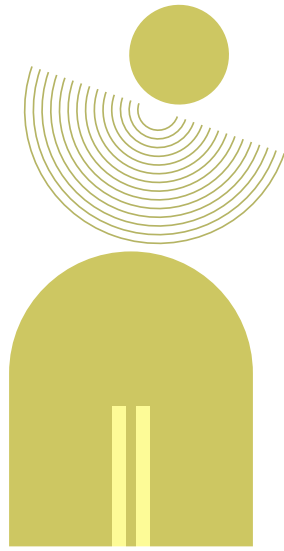
BOA LEITURA!

.....
1 Na COLÔMBIA, participaram as seguintes organizações e seus/ suas respectivos/as representantes:

Associação de Entidades Negras de Pernambuco: Ingrid Farias e Mônica Oliveira
Casa Sueli Carneiro: Bianca Santana e Natália Carneiro
Instituto Marielle Franco: Anielle Franco, Luna Costa, Marcelle Decothe e Rafael Rezende
Instituto de Referência Negra Peregum: Mariana Belmont, Jéssica Ferreira e Luiz Soares
Mulheres Negras Decidem: Rafaela e Thayná
Perifa Connection: Thux Thuane e Wesley Teixeira
RENFE: Ingrid Farias
UNEafro: Jéssica Ferreira

No CHILE, participaram:

Deputada Federal de Minas Gerais (a convite do **Instituto de Referência Negra Peregum**): Áurea Carolina e Debora Dias
Casa Sueli Carneiro: Bianca Santana e Natália Carneiro
Instituto Marielle Franco: Anielle Franco, Luna Costa, Marcelle Decothe e Rafael Rezende
Instituto de Referência Negra Peregum: Mariana Belmont, Jéssica Ferreira e Luiz Soares
Mulheres Negras Decidem: Tainah Pereira Perifa Connection: Thux Thuane e Wesley Teixeira
UNEafro: Beatriz Nascimento e Jéssica Ferreira



Uma visão geral da viagem



A

s interações entre organizações negras brasileiras e de outros países da América Latina não são novidade. Nas palavras de Bianca Santana:

Não tinha nada de novo acontecendo, porque essa interlocução latino-americana acontece há muito tempo. Foi fortíssima na década de 1990, muito forte e importante em toda a América Latina. O que a gente pode fazer é tentar reestrear laços que já existem há muito tempo.

A criação da Articulação de Mulheres Negras Latino-Americanas e Caribenhas é, talvez, o fato que melhor retrata a capacidade de interlocução entre organizações e lideranças negras brasileiras com os demais países da América Latina e do Caribe. Tatiana Oliveira destaca bem os primórdios da criação da Articulação, que remontam aos anos².

Os Encontros Feministas da América Latina e Caribe (EFALC) foram um espaço de articulação das mulheres negras na região. Desde o primeiro encontro, em Cuba, no ano de 1981, iniciou-se uma organização regional das mulheres negras. Apesar de suas primeiras edições terem sido lideradas por mulheres brancas de classe média, as mulheres da classe trabalhadora, negras e indígenas, reivindicaram uma agenda de luta inclusiva, pautando as desigualdades geradas não só pela opressão de gênero, mas também pelo racismo e pela classificação racial. Segundo Lélia Gonzalez, no II EFALC — realizado em 1983, no Peru —, o Brasil foi representado por Jurema Batista, como delegada do Coletivo de Mulheres Nzinga, e por mais duas companheiras do Grupo de Mulheres Negras do Rio de Janeiro. A atuação dessas mulheres contribuiu para a criação de um Comitê Anti-Racismo no evento. Em 1985, foi realizado o III EFALC, em Bertioga, Brasil, e a organização do evento foi confrontada pela chegada de um ônibus vindo do Rio de Janeiro, com um grupo de mulheres negras que não tinha dinheiro para realizar a inscrição. Por conta disso, elas não puderam participar oficialmente do evento, mas montaram um acampamento na praia e fizeram um encontro paralelo. Para Matilde Ribeiro, no III EFALC: “As mulheres negras de vários países debateram a temática Racismo e Feminismo. Constatou-se, pelos depoimentos das participantes, que a dificuldade de tratamento da realidade vivida pelas mulheres negras é um traço comum.” Mas foi no ano de 1990, durante o V EFALC, realizado na Costa do Sol, em El Salvador, que as mulheres negras colombianas, costa-riquenhas, equatorianas, panamenhas, brasileiras, uruguaias e dominicanas começaram a articular a organização de um encontro de mulheres negras da região. Dessa articulação, aconteceu o I Encontro de Mulheres Negras Latino-americanas e do Caribe, entre os dias 19 e 25 de julho de 1992, na República Dominicana. E foi nesse encontro que foi criada a Rede Afro: Rede de Mulheres Afro-latino-americanas, Afro-caribenhas e da Diáspora, e o Dia Internacional da Mulher Afro-latino-americana e Afro-caribenha.

Antes de nos detalhar como transcorreu a viagem, Bianca nos conta mais sobre a comitiva:

Sete organizações da Coalizão Negra por Direitos³ participaram dessa viagem, um total de 18 pessoas, entre elas eu e Natália, representando a Casa Sueli Carneiro. Passamos dez dias nos dois países, visitando quatro cidades.

Bianca, então, relata a intensidade do roteiro de atividades realizadas ao longo da viagem:

A gente fez 46 reuniões nesses 10 dias, então, façam a conta e verão como foi cada um dos nossos dias: uma exaustão de momentos importantes, como a atividade final da campanha do Boric, sua posse e a disputa pela presidência na Colômbia.

2 Disponível em: <https://dandaraeditora.com.br/2022/07/02/a-articulacao-das-mulheres-negras-latinoamericanas-e-caribenhas/>. Acesso em: 02/10/2023

3 Disponível em: <https://coalizaonegrapordireitos.org.br/> -- A Casa Sueli Carneiro e Geledés - Instituto da Mulher Negra compõem a Coalizão.

Bianca, em seguida, dá um panorama do que motivou a viagem e de sua importância nesse momento crítico vivido pelo Brasil, marcado pelas ameaças à democracia no país e pelos desafios enfrentados pelas populações chilena e colombiana.

O convite para a viagem partiu do Instituto Marielle Franco, para que participássemos desta comitiva junto com a Anielle Franco. A ideia inicial também incluía entendermos o momento que vivia a Colômbia, além da importante data do 8 de março⁴. Essa viagem nos pareceu muito importante para entendermos melhor esse cenário político-social latino-americano e tentarmos compreender como estão agora as conexões afro-feministas e afro-diaspóricas, além de compartilhar metodologia e tecnologia social.

A comemoração do Dia Internacional da Mulher, em 8 de março, era parte central da viagem. A comitiva estaria no Chile nessa data e poderia testemunhar e participar da grande marcha de mulheres que precederia a posse do presidente eleito do Chile, Gabriel Boric, em 11 de março de 2022. A chegada ao Chile foi antecedida pela visita à Colômbia, conforme relata Bianca.

Pegamos uma agenda de feminismo muito forte no Chile, pre-cedida de uma agenda que dialoga com movimentos sociais e com os movimentos de mulheres negras na Colômbia, o país pelo qual passamos por mais cidades, tendo um contexto maior sobre as desigualdades enfrentadas pela população negra.

A visita ao Chile, planejada antes do convite feito pelo presidente eleito do país para que Anielle — então diretora do Instituto Marielle Franco — participasse, como convidada, da cerimônia de posse, tinha como foco promover uma intensa interação com o movimento feminista local. A visita à Colômbia provocou intensas reflexões sobre a semelhança das consequências do racismo naquele país e no Brasil. Bianca se refere, em seu comentário acima, ao fato de existir no Chile uma agenda feminista muito forte.

Jessica Jerez Yáñez, em seu artigo “El movimiento feminista en Chile entre 2018 y 2022: bosquejo de un trayecto” (O movimento feminista no Chile entre 2018 e 2022: esboço de uma jornada), destaca⁵:

As mobilizações e ações realizadas pelo movimento feminista chileno entre 2018 e 2022 mostram um ator que manteve sua visibilidade ao longo do período. Reconhecer quanta visibilidade e latência há no percurso desse movimento social parece um exercício interessante de ser feito. Este ensaio buscará dar conta, ao menos em parte, dos processos que o movimento feminista experimentou no último período, da construção de uma forma particular de agir, observando, em especial, os marcos da luta feminista, do popular revolta e do momento atual. Observação que será feita à luz de alguns elementos conceituais aportados por estudiosos dos movimentos sociais. (tradução livre)

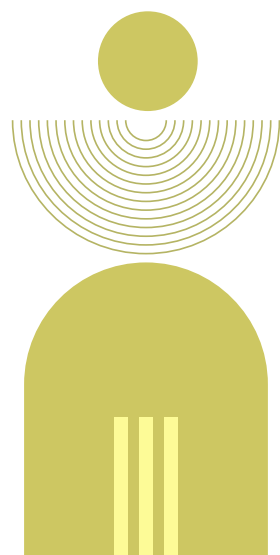
A inclusão na agenda de viagem à Colômbia de um diálogo com organizações de mulheres negras e mulheres negras em posição de liderança foi respaldada pelo protagonismo exercido por essas mulheres naquele país naquele dado momento. Jaime A. Alves, em seu artigo “Liderança de mulheres negras para mudar a Colômbia”, publicado em 16 de março de 2022, no portal “Open Democracy”⁶, destaca:

Enquanto a Colômbia se prepara para as eleições presidenciais deste ano, Francia Márquez Mirna, uma ativista negra de 40 anos, está mudando os termos do debate político na segunda nação mais negra da América do Sul. Francia, pré-candidata à presidência e possível vice-presidente da chapa de Gustavo Petro, lidera um movimento coletivo de mulheres, comunidades LGBTQ+, jovens negros, camponeses e outras comunidades marginalizadas, para transformar os insidiosos padrões de violência e desigualdades sociorraciais neste canto do mundo.

4 Dia internacional da Mulher

5 Disponível em: <https://debatesjuridicosysociales.cl/ojs/index.php/djs/article/view/152>. Acesso em: 02/10/2023

6 Disponível em: <https://www.opendemocracy.net/pt/mulheres-negras-mudar-futuro-colombia/>. Acesso em: 02/10/2023



A Visita à Colômbia



A comitiva de mulheres e homens negros do Brasil chega à Colômbia para testemunhar um momento político impactante no processo de eleição de um novo presidente. De um lado, a comitiva presencia mais do mesmo: um país cindido pelo abismo que separa pobreza e riqueza, trazendo consigo a violência. Violência esta que se impõe contra a vida da população negra, acirrando o racismo. Muito do Brasil se reflete nesta visita ao país vizinho. As percepções de Bianca e Natália nos conduzem por um caminho que permite melhor compreender o que se passa na Colômbia.

O Censo Demográfico

Bianca inicia sua fala sobre a visita à Colômbia destacando a questão do censo demográfico no país. Em algumas regiões, há uma dificuldade proposital em recensear objetivamente a população negra. Nada muito diferente do que ocorre no Brasil, onde, somente após a pressão de organizações e lideranças negras, houve avanços no quesito da autodeclaração étnico-racial. Sem saber quem é quem e qual a dimensão da população negra em um país, como se pode desenhar políticas públicas de promoção da igualdade racial?

Bianca destaca:

A questão do censo desse país também é bem difícil — uma preocupação nossa aqui no Brasil — e isso aproxima o contexto entre os dois países.

E Natália complementa:

A gente foi a um lugar que era uma comunidade de palafitas, Puente Nayero. Lá, uma das pessoas na reunião que tivemos falou que o censo havia contabilizado 78% de população afro-colombiana. No entanto, o último censo informava que havia menos de 50% dessa população. Então, uma das lutas deles é entender: onde está a população afro-colombiana? Por que, em um período tão curto de tempo, esse número caiu tanto? Haveria alguma eliminação da população afro-colombiana no censo anterior? E aí vem uma das grandes questões: por não se ter a população negra devidamente recenseada, a morte dos jovens negros não é corretamente contabilizada, assim como a violência contra a mulher negra. Além disso, a questão das ações afirmativas que eles querem implementar nas universidades fica no ar.

Bianca finaliza destacando que, ainda que o recenseamento étnico-racial seja baseado na autodeclaração:

O povo duvida muito de como esse governo — que é um governo também de direita e que não tem nenhuma confiança do movimento — pode produzir dados ou qualquer política pública.

O **Departamento Administrativo Nacional de Estatística (DANE)**, órgão de Estado na Colômbia, similar ao IBGE no Brasil, publicou, em 26 de agosto de 2022, um comunicado de imprensa intitulado “Sobre os dados da população negra, afro-colombiana, raizal e palenquera”. Nesse comunicado, o DANE confirmou que os dados censitários sobre a população afro-colombiana foram julgados inconsistentes pela Corte Constitucional do país.

Decisão da Corte Constitucional sobre o Recenseamento da População Afro-Colombiana

Em 1º de agosto de 2022, a Primeira Câmara de Revisão da Corte Constitucional, por meio da sentença T-276, emitiu uma decisão em resposta ao mandado de proteção interposto em novembro de 2020 por um grupo de organizações afro-colombianas. Essas organizações denunciaram deficiências na realização do **XVIII Recenseamento Nacional da População e VII Recenseamento da Habitação de 2018**.

O **DANE (Departamento Administrativo Nacional de Estadística)** considera que a sentença reconhece os esforços que a entidade tem realizado desde 2018 para atender às necessidades imediatas de informação sobre a composição étnico-racial do país. Além disso, destaca os ajustes feitos para aprimorar as estatísticas da população étnica.

Reconhecimento de dificuldades no Censo de 2018

Em novembro de 2019, o DANE reconheceu dificuldades na aplicação da questão de **autodeclaração étnica**, bem como problemas operacionais do censo em áreas com maior concentração dessa população, incluindo **Barranquilla, Cali, Policarpa (Nariño), Tumaco e Quibdó**. Para mitigar essas falhas, a entidade utilizou a **Pesquisa de Qualidade de Vida** (com cobertura departamental e 287 mil entrevistados) para calcular a omissão do censo de 2018 — um procedimento comum em censos. Como resultado, foi possível determinar que, em 2018, a população **negra, afro-colombiana, raizal e palenquera (NARP)** somava **4.671.160 pessoas**, representando **9,34% da população nacional**.

Determinações da Sentença

A sentença T-276 determinou que o DANE deve:

- **Avaliar, no prazo máximo de 10 meses**, em conjunto com as comunidades negra, afro-colombiana, raizal e palenquera, além da academia, as causas que dificultaram a identificação dessa população no censo. A partir dessa análise, deve-se manter os acertos e corrigir os erros.
- **Estudar e discutir a viabilidade** e os riscos de incluir um piloto de **hétero-reconhecimento** na Pesquisa de Qualidade de Vida, garantindo consulta prévia com as comunidades afetadas e acompanhamento do **Ministério do Interior e da Procuradoria Geral da Nação**.
- **Dar continuidade à incorporação do enfoque étnico-racial** diferencial na produção das estatísticas oficiais do país.
- **Construir um plano abrangente** para os estágios **pré-censo, censo e pós-censo** do próximo levantamento, visando uma melhor identificação dos povos negros, afro-colombianos, raizales e palenqueros.

Compromisso do DANE

A sentença também enfatiza os desafios na garantia dos direitos dessa população. Em resposta, o DANE se compromete a **cumprir integralmente** as determinações e já iniciou a elaboração de um **plano de trabalho**, além da **coordenação interinstitucional** necessária para sua implementação.

No Brasil, ainda persiste o desafio de conduzir um censo demográfico que represente o quesito étnico-racial de maneira imparcial e isenta de influências ideológicas. Em um artigo publicado em 2013, mas ainda extremamente relevante, Gabriele dos Anjos, em "A questão 'cor' ou 'raça' nos censos nacionais"⁷, destaca que:

A questão "cor/raça" nos censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) está ligada aos referenciais ideológicos das políticas públicas. As formas pelas quais o IBGE levanta e trata essa informação variam ao longo do tempo e dependem das estruturas de oportunidades políticas, bem como das concepções de "sociedade" e "nação" presentes nas instituições estatais.

E Gabriele dos Anjos conclui que:

Esses levantamentos parecem ser resultado de duas dinâmicas estreitamente relacionadas. A primeira delas é técnica e diz respeito à organização da coleta de informação e seus problemas, assim como às formas com as quais o IBGE procurou lidar com a imprecisão das categorias disseminadas entre a população. Dentro de um esquema de captura que prevê sempre a autodeclaração, há que se ter uma categoria que registre a miscigenação ou, no mínimo, a miríade de classificações possíveis. Em meio à impossibilidade de suprimir essa categoria, o IBGE permanentemente

7 Disponível em: <https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/indicadores/article/download/2934/3163>. Acesso em: 02/10/2023.



tentou estabelecer uma regularidade à captura da “fluidez” da informação. Em vários momentos, os problemas relacionados a essas tentativas foram apontados pelos técnicos do Instituto. No entanto, a opção do que fazer está principalmente submetida à dinâmica política, que diz respeito ao levantamento estatístico como empreendimento estatal e, assim, às forças políticas dominantes.

O movimento de ruas

Bianca e Natália passam, então, a comentar sobre o movimento de ruas na Colômbia, quando a população sai para protestar e demandar direitos. Bianca destaca:

Tem uma coisa que chamou muito a nossa atenção: a importância da rua, do movimento popular nesses momentos do país. Aqui no Brasil, a gente vive uma apatia das ruas, né? Acontece que a gente não tem mais fôlego para nada no Brasil. Na Colômbia, quando começou a pandemia, além das mortes por Covid, o cenário econômico começou a piorar, e as pessoas começaram a sentir fome. Aí acontecem manifestações que sofrem muita repressão do Estado. Uma série de lideranças com as quais a gente conversou – algumas delas, agora, candidatas a parlamentares – esteve à frente desses movimentos.

A apatia em relação à ocupação das ruas, mencionada por Bianca no trecho acima, representa o remanescente de um movimento vigoroso que ocorreu em 2013.

Isso me lembra muito, junho de 2013, porque a gente foi na rua com o Movimento Passe Livre (MPL). A gente dizia que não era por 20 centavos, era por direitos.⁸ Houve uma repressão policial fortíssima e a cada manifestação, a violência policial era maior. Até a esquerda, que, naquele momento, estava no poder, no município de São Paulo, com Dilma presidenta, questionava: o que vocês estão fazendo?⁹ Aí a gente deixou a rua para a direita. E aí sim, em 2014, tem o Movimento Brasil Livre – MBL, numa sigla que não é nada aleatória, mas é uma apropriação de um discurso de renovação política.

Há vários estudos acadêmicos sobre o que aconteceu em junho de 2013 e suas consequências nos movimentos de rua, movimentos reivindicatórios e no próprio fazer político-partidário. Uma análise foi apresentada em um encontro ocorrido no dia 2 de dezembro, que teve como expositora a professora Angela Alonso, do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e integrante do Conselho Executivo do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP). “Ela apresentou dados e conclusões da pesquisa que lidera no centro sobre as manifestações de junho de 2013”¹⁰.

8 Para uma visão geral do que foram os protestos de junho de 2013 vide: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jornadas_de_Junho

9 A presidenta Dilma Rousseff tomou as seguintes medidas em resposta aos movimentos:

No dia 24 de junho, após reunião com membros do Movimento Passe Livre, Dilma reuniu-se com 26 prefeitos e 27 governadores para apresentar cinco pactos nacionais, abordando os seguintes temas entre os três níveis de governo:

- **Transporte público:** investimentos em corredores de ônibus, VLTs e metrô, além da criação de um Conselho Nacional de Transporte Público, com participação de usuários e da sociedade civil. Foi considerada a desoneração de PIS e COFINS para o diesel de ônibus e para a energia elétrica de trens e metrô, com a possibilidade de sua aplicação nos níveis estadual, municipal ou metropolitano, além do federal. Defendeu a priorização da matriz de transportes sobre trilhos e criticou governos anteriores por não terem adotado essa medida.
- **Reforma política** e combate à corrupção: propôs a realização de um plebiscito para a criação de uma assembleia constituinte exclusiva para essa reforma. Pediu a implementação ágil da Lei de Acesso à Informação e destacou a importância de transformar a corrupção dolosa em crime hediondo.
- **Saúde:** acelerou os investimentos já contratados para a construção de UPAs, UBS e hospitais, além da ampliação do sistema de troca de dívidas de hospitais filantrópicos por mais atendimentos. Defendeu incentivos para médicos trabalharem em regiões mais pobres e remotas, e, caso isso não fosse suficiente, sugeriu a contratação de médicos estrangeiros para atuarem exclusivamente no SUS. Reconheceu a possível resistência da classe médica, mas destacou que essa seria uma medida emergencial e limitada, pautada pela necessidade de priorizar a saúde da população. Também afirmou que tomaria outras medidas para melhorar as condições de trabalho nos hospitais públicos.
- **Educação:** destinação de 100% dos royalties do petróleo para a educação e 50% dos recursos do pré-sal.
- **Responsabilidade fiscal:** manutenção das medidas de estabilidade econômica e controle da inflação para garantir a proteção do Brasil diante da crise mundial.

No dia seguinte, no entanto, a proposta de convocação de uma Constituinte foi descartada pelo governo após ser rejeitada pelo vice-presidente, pela OAB e pela oposição. O plebiscito foi escolhido como a alternativa para a reforma. Ainda nesse dia, o presidente do Senado, Renan Calheiros, definiu um pacote de 17 medidas prioritárias, ameaçando suspender o recesso legislativo de julho caso elas não fossem apreciadas.

10 BELLESA, Mauro. **Origens, características e consequências de junho de 2013, segundo Angela Alonso.** Publicado em 16/12/2021. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/as-tendencias-politicas-que-levaram-as-manifestacoes-de-junho-de-2013>. Acesso em: 02/10/2023.

Neste encontro de dezembro de 2021, Angela Alonso afirmou que:

É preciso retroceder até a ascensão de Lula à presidência e ao que isso significou do ponto de vista das mobilizações de rua. Ocorreu um vácuo: a rua perdeu líderes. Com a incorporação de quadros do partido à máquina estatal, muita gente que organizava protestos foi para o governo. E quem não foi para o governo e defendia mais mudanças “ficou desconfortável em bater nele”. As ações do governo em favor das camadas mais pobres geraram embates, com a zona de conflito se configurando em torno da redução da desigualdade, do Bolsa Família e do aumento do salário mínimo, com impactos também provenientes da redistribuição de acessos e oportunidades. Essas políticas geraram descontentamento nas camadas intermediárias e superiores, que perdiam destaque.

Se a rua perdeu líderes no Brasil, como afirma Alonso, então o que aconteceu no Brasil de 2013 para cá? Ela nos dá a resposta: “Se há gente na rua, há liderança.” Finalmente, naquele encontro, Alonso reflete conforme registrado na matéria de Mauro Bellesá:

Ela destacou a aparição de vários grupos autogeridos, organizações típicas do cooperativismo, coletivos de ativismo cultural, redes de empreendedores, de jovens empresários ligados às novas tecnologias ou à atividade rural, e organizações religiosas. Tudo isso funcionou como uma rede de recrutamento e organização de várias correntes, todos na linha mais sociedade e menos Estado.

Foi assim que a esquerda no Brasil teria “deixado a rua para a direita”, como afirmou Bianca? Nesta viagem para a Colômbia e Chile, Bianca compartilha conosco a percepção do que aconteceu nesses dois países com os movimentos de rua:

Na Colômbia e no Chile, parece que o movimento de toma-da da rua, buscando essa política, foi apropriado pela esquerda, que não abriu mão de seu direito e aí a importância do movimento das mulheres é imensa, nos dois países, enorme importância.

A eleição presidencial

A comitiva brasileira chega à Colômbia na reta final da campanha presidencial no país, rumo às eleições que ocorreriam em 29 de maio de 2022. Nas prévias populares eleitorais, em 13 de março de 2022, entre os quatro partidos progressistas que se coligaram, Francia Márquez¹¹ alcança 14% nesta disputa e, mais adiante, compõe chapa com Gustavo Petro, que já havia concorrido à presidência do país em 2018 numa candidatura de esquerda, e, juntos, vencem as eleições colombianas.

Bianca compartilha sua percepção deste momento colombiano:

É nesse momento que a Francia fala que vai ser candidata a presidenta da república, e todo o mundo se pergunta: como assim? E ela se firma. Depois, tem 15% dos votos do país inteiro, e ela sabia que não ia ganhar a eleição. Mas, por esse excelente desempenho nas prévias, agora ela é candidata a vice nesse pacto democrático com o Gustavo Petro, que é o candidato à presidência.

Natália nos traz alguns bastidores dos contatos que foram acontecendo até que chegassem a se encontrar com Francia:

Antes de falar da Francia, eu acho legal mencionar que tivemos contato com duas candidatas da direita, e da direita negra, que não conseguiam dialogar com o movimento de mulheres negras da Colômbia e também não conseguiam dialogar com a esquerda.

11 Disponível em: <https://www.geledes.org.br/quem-e-francia-marquez-advogada-e-ex-trabalhadora-domestica-que-pode-ser-primeira-mulher-negra-a-ocupar-a-vice-presidencia-da-colombia/> Acesso em 02/10/2023

O que Natália destaca sobre a busca de diálogo com a população negra colombiana por parte dos dois candidatos mais fortes, Petro à esquerda e Rodolfo Hernandez à direita, era notório. Tanto que Hernandez trouxe também para sua chapa, como candidata a vice-presidente, uma mulher negra: Marelen Castillo.¹² Porém, o resultado das eleições, com a vitória da chapa Petro/Márquez, coloca em evidência o maior trânsito que a esquerda teve com a população negra e o povo em geral.

Natália segue seu relato, descrevendo como a esquerda, que historicamente não ascendia ao poder, agora nesta campanha dava sinais de grande possibilidade de vitória, que foi o que de fato aconteceu:

Foi na universidade que tivemos contato com Amanda, que vem do movimento estudantil, que estabelece um pacto de não diálogo com a direita. Amanda nos trouxe um contexto de como a Colômbia veio de uma onda conservadora, de uma onda constante de facções de dominação do Exército, que eliminou diversos jovens colombianos que se colocaram à frente na década de 1980 e morreram para que outras pessoas tivessem o mínimo de liberdade democrática dentro do país. Amanda traz o contexto de que a Francia entra como uma luz, uma possibilidade de a Colômbia não cair novamente nas garras desse exército, dessa milícia que existe no país.

E na continuidade de sua fala, Natália nos relata como vê a ascensão de Francia no cenário político colombiano e como ela chega à sua candidatura a vice-presidente:

Francia vem do movimento social, ela é do campo. É uma mulher que consegue ganhar um prêmio pela questão do ambientalismo¹³. Ela vem dialogando com diversos movimentos de mulheres negras e, em um determinado momento, resolve que quer se candidatar à presidência do país. Ela chama para ser vice dela um homem branco, o que gerou muito questionamento, porque é um homem branco sendo o vice-presidente de uma mulher negra; porém, um homem branco advogado que tem também toda a expertise do movimento social dentro dos direitos civis. E Francia vem com um discurso sobre a vida. Ela não muda o diálogo existente dentro do movimento social, do movimento negro colombiano. Ela entra dentro de uma perspectiva que dialoga diretamente com o movimento de mulheres negras colombiano. E aí, quando ela vira candidata, o que percebemos no penúltimo evento antes das eleições é que as pessoas choravam, estavam felizes de ver a Francia naquele lugar, falando sobre a vida, falando da existência delas.

A violência na Colômbia

A violência na Colômbia foi algo que a comitiva brasileira pôde acompanhar de perto. Em visitas realizadas em regiões de grande vulnerabilidade social, mortes por assassinato aconteceram em locais visitados pela comitiva. Ainda que o acordo de paz com as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) tenha sido firmado em 2016, dissidências do movimento continuam ativas até hoje¹⁴, levando a violência a zonas rurais e urbanas. Por outro lado, o tráfico e interesses econômicos mantêm as áreas urbanas em situação constante de violência.

Bianca comenta sobre tudo isso e nos apresenta sua perspectiva sobre a violência no país:

É importante a gente lembrar do acordo de paz na Colômbia, que vem depois de muitos anos de guerra entre as facções. Então, as FARC são as mais famosas delas, mas tem vários outros grupos que são grupos políticos, mas também o tráfico, os paramilitares e outros. Os meninos são aliciados pela arma quando estão com 12, 13 anos de idade. As famílias sempre muito temerosas porque esses meninos serão disputados pelo crime, pela guerrilha, pelo exército. Esses meninos serão sequestrados, irão sair de casa porque terão de pegar um fuzil para ir para a guerra armada.

12 Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61849469>. Acesso em: 02/10/2023

13 Conforme https://pt.wikipedia.org/wiki/Francia_M%C3%A1rquez, Francia recebeu o Prêmio Goldman de Meio Ambiente em abril de 2018 pelo seu trabalho contra a mineração de ouro ilegal em sua comunidade de La Toma e por ter organizado um protesto de oitenta mulheres que marcharam 563 quilômetros até Bogotá, a capital, para exigir a retirada de equipamentos e mineradores ilegais da sua comunidade.

14 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2022/12/maior-grupo-dissidente-das-farc-anuncia-tregua-de-fim-de-ano-na-colombia.ghtml>. Acesso em: 02/10/2023.

A Colômbia, depois da República Democrática do Congo, é hoje o país com maior índice de criminalidade no mundo, segundo estudos da Global Initiative Against *Transnational Organized Crime*.¹⁵ O ranking da Global Initiative posiciona 193 países membros das Nações Unidas. A República Democrática do Congo obteve a maior pontuação, 7,75, enquanto a Colômbia foi de 7,66. O Brasil está em 22º lugar no ranking mundial, com 6,5 pontos, e em sétima posição entre os países das Américas.

Bianca discorre mais sobre o tema:

A Colômbia é o país que mais assassina. A quantidade de ativistas mortos na Colômbia é uma coisa que a gente tem dificuldade de assimilação, mesmo comparando-se com os números do Brasil. Só em 2021 e durante o período da pandemia, houve 955 agressões físicas, 43 homicídios por parte das milícias, 1.388 prisões arbitrárias. Então, é um país que se narra a partir da violência. Nós conversamos com Mara Viveros¹⁶ e Ochy Curiel¹⁷ numa conversa privada, e depois as duas foram até o nosso hotel e conversaram com toda a comitiva brasileira. Elas nos diziam como a Colômbia é um país que se define a partir da violência. Um país que, quando vai contar sua história, fala da violência. Mas não é uma violência racializada no discurso, por mais que ela seja racializada na vida. Então, quem morre na Colômbia é preto, igual no Brasil. Só que esse discurso da violência não diz que quem morre é a população negra. Essa é uma disputa feita lá nos últimos anos que tem o Brasil como uma grande referência.

A Comissão da Verdade na Colômbia¹⁸ realizou, em 11 de dezembro de 2020, o Encontro pela Verdade¹⁹ - "Reconhecimento da verdade do povo negro, afro-colombiano, palenquero e raizal: fatos e impactos do conflito armado, contribuições para a construção da paz e da nação".

No chamado ao encontro, a Comissão da Verdade destacou que:

A dureza da violência contra o povo negro, afro-colombiano, raizal e palenquero durante o conflito armado é explicada principalmente pelo racismo estrutural instalado na sociedade desde a colonização e perpetuado na configuração do Estado-nação. Os impactos sobre essas comunidades e seus territórios são, então, uma questão histórica que, mesmo após a assinatura do Acordo de Paz em Havana entre o Governo e as FARC-EP, continua vigente e põe em risco a vida e a integridade das comunidades, suas práticas culturais e seus territórios.

De acordo com os dados informados pelo DANE (2019), na Colômbia, 97,68% dos municípios têm uma população negra, afro-colombiana, palenquera e raizal. Além disso, em pelo menos 64 municípios, a população negra é superior a 50%. Um padrão identificado é que nos territórios onde há alta densidade de população afro-colombiana, predominam altos níveis de pobreza extrema e precariedade em infraestrutura e serviços. Com as informações do DANE, identificou-se que 38% da população de Palenque e 40% da população negra afirmaram ter algum tipo de privação. Por outro lado, em questões educacionais, 30,17% dessas etnias indicaram sofrer de atraso escolar. Esses indicadores têm sido fatores para o agravamento da violência em suas comunidades.

15 Disponível em: <https://www.portafolio.co/economia/colombia-el-segundo-pais-del-mundo-con-indices-de-criminalidad-altos-564634>. Acesso em: 02/10/2023.

16 Mara Viveros Vigoya é PhD em Antropologia na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales em Paris (EHESS). Atualmente, é professora associada do Departamento de Antropologia e da Escola de Estudos de Gênero da Universidade Nacional da Colômbia, onde leciona e realiza pesquisas desde 1998. É também codiretora do Grupo de Pesquisa "Grupo Interdisciplinar de Estudos de Gênero". Disponível em: <https://perla.soc.ucsb.edu/collaborators/mara-viveros-vigoya>. Acesso em: 02/10/2023.

17 **Rosa Inés Curiel Pichardo** (nascida em 1963), mais conhecida como **Ochy Curiel**, é uma teórica feminista, cantora e antropóloga social afro-dominicana. Ela é conhecida por ajudar a estabelecer o movimento de mulheres afro-caribenhas e é uma reconhecida teórica feminista na América latina e Caribe. Em 2006, Curiel mudou-se para a Colômbia, onde começou a lecionar na Universidade Nacional da Colômbia (UNC). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ochy_Curiel. Acesso em: 02/10/2023.

18 Conforme registrado em seu site, é "uma Entidade do Estado que busca esclarecer os padrões e as causas explicativas do conflito armado interno que satisfaz o direito das vítimas e da sociedade à verdade, promove o reconhecimento do ocorrido, a convivência nos territórios e contribui para lançar as bases para não repetição, através de um processo de participação ampla e plural para a construção de uma paz estável e duradoura". Disponível em: <https://web.comisiondelaverdad.co/la-comision/que-es-la-comision-de-la-verdad>. Acesso em: 02/10/2023.

19 Disponível em: <https://web.comisiondelaverdad.co/actualidad/noticias/reconocimiento-verdad-pueblo-negro-racismo-discriminacion-intensificaron-violencia>. Acesso em: 02/10/2023.



Até 31 de outubro de 2020, pelo menos 1.144.486 pessoas que se identificaram como negras estão registradas como vítimas, segundo a Rede Nacional de Informações, o que corresponde a 38,38% do total. Além disso, de acordo com a Unidade de Vítimas, há três períodos em que um evento vitimizador, como o deslocamento forçado, aumentou, afetando esses grupos étnicos: 2000-2002, 2007-2008 e 2013-2014. Segundo a mesma entidade, até 30 de setembro de 2020, enquanto 15% das pessoas que não declararam etnia foram deslocadas de seu território, 98% dos palenqueros e 37,5% dos negros/afro-colombianos do país foram deslocados pela violência.

Dos 217 líderes sociais assassinados entre 2015 e 2019, apenas em 2017, a Consultoria de Direitos Humanos e Deslocamento (CODHES) informou que 77 eram afrodescendentes. Nesse mesmo sentido, o Centro Nacional de Memória Histórica apontou que a maioria dos homicídios de lideranças sociais pertencentes a povoados negros ocorreu em Cauca e Nariño. Entre 2001 e 2016, 4.208 alertas antecipados foram gerados por comunidades negras e afro-colombianas. Os principais motivos foram: deslocamento forçado, homicídios seletivos, ameaças, massacres e recrutamento forçado. Os dois departamentos mais afetados foram Chocó (1.683 alertas) e Nariño (1.077 alertas).

O movimento de mulheres negras na Colômbia

Bianca compartilha suas percepções sobre o movimento de mulheres negras colombianas:

Elas olham para o movimento de mulheres negras brasileiro como uma referência para a Colômbia. Elas têm muitas categorias em que se identificam: vítimas de conflito armado é uma delas. Então, essas categorias vão sendo somadas e definindo grupos que nós temos dificuldade de compreender, pois, no Brasil, vemos tudo isso de um contexto mais distante. Isso explica o mote da campanha das mulheres negras: “da resistência ao poder”. Se as mulheres negras resistem a essa violência, agora são essas mulheres que irão ocupar o poder. Começam na resistência e chegam ao poder. E elas fazem isso de um jeito muito forte, muito inspirado no feminismo afro-latino-americano, e elas dão nome a isso, afirmam isso.

Iván Olano Duque, em um artigo publicado no portal CTXT em agosto de 2022, sob o título “Francia Márquez: de la resistencia al poder”²⁰, aborda, em entrevista à vice-presidente colombiana, a questão da resistência rumo ao poder em que a Bianca se refere. Todo o artigo merece leitura atenta, mas destacamos dois trechos:

E esse é justamente um dos pilares discursivos de Francia Márquez, porque é a pedra angular da resistência histórica afro-descendente e indígena: a consciência da própria dignidade como ponto de partida, e a vida digna como horizonte. E a esses dois extremos – o ponto de partida e o horizonte – está vinculado o exercício político que é, por definição, coletivo. Isso é algo que a direita nunca entenderá. O seu slogan “Até que a dignidade se habitue” implica uma refutação da ordem dos privilégios e do discurso neoliberal que entende a melhoria das condições de vida como algo estritamente pessoal, de promoção individual.

...

E é um choque também para a esquerda. Ela sabe que o mandato que recebe não responde a um certo número de votos, mas a séculos de resistência e luta. O adamismo é antipolítico. Colocar-se nas relações de poder é também colocar-se na história, por isso a sua voz é sempre a voz de quem a ergueu no passado, Marielle Franco e Berta Cáceres, Temístocles Machado e María del Pilar Hurtado Montaño... não estão mais aqui. Assim, diante dos moderados e acomodados, dos mornos e tímidos, dos equidistantes e orgânicos rebeldes, dos que dizem que as coisas devem ser mudadas aos poucos, sem enfrentar muito as grandes potências, respondem que

quem conhece verdadeiramente o horror e a barbárie da ordem estabelecida saberá que não podemos permitir isso. Se graças às lutas do passado conseguimos disputar espaços de poder, por que baixar a voz, moderar o tom, diminuir as reivindicações?

Bianca conclui:

Então, quando a Francia sobe em um palco, ela usa um vocabulário muito parecido com o nosso, de movimento de mulheres negras, e algo que talvez seja importante enquanto a gente ainda fala da economia. Mas é algo que também passa por Marielle Franco como símbolo da mulher negra. Eu não sabia que a Marielle tinha essa dimensão na América Latina. Enquanto aqui, para nós, muitas vezes, Marielle é lembrada por essa busca por justiça, por verdade, por saber quem mandou matar Marielle, lá, a Marielle é símbolo de esperança e de renovação política. Então, me surpreendeu ver o rosto da Marielle tantas vezes estampado como um símbolo de esperança e de renovação política.

Política e Violência na Colômbia

A comitiva fez uma visita à cidade de Buenaventura, um município colombiano do departamento do Valle del Cauca. É também o porto marítimo mais importante da Colômbia, localizado na costa do Oceano Pacífico. Buenaventura está a 145 km por estrada da cidade de Cali, de onde é separada pela Cordilheira Ocidental dos Andes. A cidade enfrenta vários problemas com grupos paramilitares apoiados pelo governo.

Natália relata sua percepção sobre o quadro político e a violência que permeia todos os aspectos da sociedade:

Nas comunidades, há representantes, mas eles não têm voz. O máximo que conseguem é eleger uma pessoa que os re-presente, mas essa pessoa não tem voz dentro do parlamento. Então, o que a comunidade precisa, muitas vezes, não é ouvido nem considerado. Em Buenaventura, isso é muito mais evidente do que em Bogotá. Nosso guia disse: “Até aqui vocês podem ir, mas do outro lado está o Exército; vocês não podem ir para lá.” Perguntamos como era o diálogo com o Exército. Ele disse que lá estavam protegidos, mas, ao caminharmos pelas ruas, havia fuzis de um lado, crianças do outro, todo mundo brincando como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Bianca complementa:

Esse lugar que a Nati menciona é uma comunidade que fica na costa do Pacífico, onde as casas são de palafita e se chama Puente Nayero²¹. As pessoas fizeram suas casas ao redor da ponte e construíram um aterro com lixo doméstico. A comunidade vive em cima desse lixo. Desculpa falar coisas fortes, mas é para vocês entenderem um pouco como foi muito difícil viver por horas aquela realidade. Agora, imagina quem vive naquele lugar.

Ali, diferentes facções disputam o território que fica na orla do Pacífico entre dois portos. É, portanto, um lugar onde circula muita riqueza. Há uma disputa do Estado, que quer fazer grandes obras. Eles querem transformar aquele lugar em um resort e

21 O Espaço Humanitário Puente Nayero tornou-se uma referência na luta antirracista, principalmente na dimensão do direito internacional. Aqui no Brasil, há várias publicações sobre as violações de direitos humanos e racismo naquela localidade, destacando como os moradores se mobilizaram e conseguiram minimamente garantir seus direitos. Em 15 de setembro de 2014, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) concedeu medidas cautelares às 302 famílias lá residentes (vide nota 26). Apesar da preocupação manifestada pela CIDH e organismos nacionais e internacionais, a situação no Espaço continua alarmante (Disponível em: <https://pbicolombiablog.org/2014/12/31/espacio-humanitario-puente-nayero-2014/>. Acesso em: 02/10/2023). Consideremos o estudo publicado por dois pesquisadores da Universidade de Brasília, Daniela Lima Costa e Marcos Queiroz, Construindo Território Negro: O Espaço Humanitário de Puente Nayero (Buenaventura-Col) e a Luta Antirracista no Direito Internacional, in **TESSITURAS – Revista de Antropologia e Arqueologia**, jan.-jun. 2021, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFPEL Pelotas/RS (Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/download/19319/13306>. Acesso em: 02/10/2023). Neste estudo é destacado que “Puente Nayero abre as portas para se pensar na construção autônoma de territorialidades e na reapropriação simbólica de espaços urbanos como espaços de vida, recolocando o lugar da cidadania de negros e negras nos estados-nação contemporâneos. Em um mundo tomado por protestos contra o racismo, a violência institucional, a brutalidade policial e a cotidianização da morte, a proposta de território de paz, articulada pelo Espaço Humanitário, lega importantes contribuições e anseios utópicos.”



hotel. A violência também nasce do Estado, para que as pessoas saiam de lá e possam fazer outras grandes obras.

Enquanto as pessoas não saem, há disputa de facções. As pessoas sabem que há algumas casas onde acontece tortura de inimigos; eles deceparam os membros das pessoas e todo mundo ouve, e todo mundo sabe onde ficam.

Esse é o nível de violência que eu pude ver. Buenaventura é uma cidade linda, como Salvador, e é muito, muito preta. Mas, em contraste, Puente Nayero chocou o movimento de favela do Rio e o movimento de favela de Recife. É um negócio muito bruto, mesmo, pesado. Eles conseguiram sua proteção através de uma denúncia feita à Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), que deu vitória para eles. Como chegaram a isso? Fizeram um trabalho imenso para colocar estrangeiros lá para documentar as violações. Eles então aproveitaram um Domingo de Ramos, quando podiam justificar a entrada de gente de fora na comunidade para assistir a uma missa, e iniciaram seu processo de incidência política. Conseguiram uma condenação do Estado. Só que aí conversamos com as pessoas ameaçadas, e uma delas falou: "Olha, a minha proteção é este colete à prova de balas — o crédito do celular." Todo dia eles recebem fotos de uma pessoa executada. Ser defensor de direitos humanos lá é outro grau. Este espaço onde fomos se chama zona humanitária, e é uma casa de palafita onde há algum tipo de acordo em que não acontece nenhum tipo de violação. Mas eu nem imagino o nível de negociação que eles têm que fazer. Porque, para entrarmos nessa comunidade, paramos num posto do Exército. Esta é outra conquista: o posto do Exército. Isso veio de brinde quando eles ganharam na justiça. Para entrarmos, os militares questionam o morador que nos acompanha para saber por que vamos entrar. "Eles estão comigo, sou morador." Mas, diz o militar: "Vocês vão ter que deixar alguma coisa." O morador retruca: "Tudo bem, na volta eu acerto." É uma mistura de corrupção, com violência, com demais violações. Muito pesado.

É interessante destacar aqui que o relatório de viagem preparado por Bianca e Natália traz outros detalhes da visita ao Espaço Humanitário Puente Nayero, que vale serem lidos.

A participação no comício de campanha de Francia Márquez

A ida de Bianca e Natália para participar de um comício da campanha presidencial, onde estaria presente Francia Márquez, já foi de cara uma experiência inédita para as duas. Bianca nos relata:

Pegamos um táxi para ir ao comício da Francia, e a motorista era uma mulher que tinha uma suástica tatuada no braço. Eu só percebi quando ela estava parando o carro. Era uma mulher negra, com traços indígenas, e uma suástica no braço. Na Colômbia, eles não falam "brancos", eles denominam "branco-mestiço"; todos os brancos lá são mestiços. E essa mulher, que para nós tinha traços negros e indígenas, com certeza se considera branca.

Natália relata a sua experiência no comício:

Uma coisa que me chamou muito a atenção no comício da Francia foi que as pessoas negras estavam na parte de trás, enquanto na parte da frente havia jovens do movimento estudantil e muitas pessoas brancas, não negras e indígenas. Vínhamos do Pacífico, que é muito negro, e Bogotá é essa cidade que se acha branca, mas que tem uma população negra.

Um dos marcos da campanha de Francia Márquez, sempre presente em seus comícios e falas, era: “Sou porque somos”. Este foi o mote de sua campanha inicial à presidência, quando ela concorria com uma candidatura própria e chegou à terceira posição em votação popular prévia. Ela, então, decidiu unir-se a Gustavo Petro para fortalecer a candidatura vencedora de esquerda. Bianca fala sobre este movimento, “Sou porque somos”, encabeçado por Francia²²:

“Sou porque somos” é Ubuntu²³, uma referência negra forte no mundo. É o nome de um movimento político que está sendo articulado pelo grupo da Francia. Inicialmente, ela foi candidata por um partido feminista, o primeiro partido feminista da Colômbia, chamado “Estamos Listas”²⁴. É lindo, lindo. O partido já tem vereadora em Medellín e vereadora em Bogotá. É um partido que tem crescido, e o “Estamos Listas” teve muita interação com o movimento de inovação política no Brasil através de Áurea Carolina, Marielle Franco, Talíria Petrone e Douglas Belchior, que fizeram parte de uma articulação no Brasil chamada Ocupa Política²⁵, com muita conexão com esse grupo na Colômbia e muita interação com os grupos chilenos.

Neste momento, Natália se lembra do grito de Francia no comício: “O povo não se rende, porra!” (El Pueblo no se rinde, carajo!). “Todo mundo gritando, e era de arrepiar!”

A violência política na Colômbia

Para além de todas as formas de violência que assolam a Colômbia, e que a comitiva brasileira testemunhou ou tomou conhecimento, está também a violência política, seja na forma de atentados ou ataques racistas. Natália relata:

O candidato à presidência da Colômbia, Gustavo Petro, recentemente sofreu um atentado²⁶. Por outro lado, a quantidade de ataques racistas que a Francia vem sofrendo na internet é enorme. Toda essa lama que a gente teve no Brasil acontece igual com ela. E aí tem aqueles analistas que dizem que, em um primeiro momento, a Francia ajudava o Petro, porque ela fala como o povo, as pessoas gostam dela, ela é simpática [e assim ajuda a atrair votos]. Depois dos ataques racistas, esses analistas dizem que ela estaria atrapalhando a campanha do Petro e que não era o momento para ter uma negra como vice, porque a Colômbia não está preparada para isso. Só que tudo bem, ela já é candidata a vice; a chance de ganhar a eleição é enorme, mas não vai ser fácil para ser vice-presidente ainda.

22 Sou porque somos: o abraço das “ninguém”, por Angélica Bohórquez. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2022/03/sou-porque-somos-o-abraço-das-ninguem/>. Acesso em: 02/10/2023.

23 Uma sociedade sustentada pelos pilares do respeito e da solidariedade faz parte da essência de Ubuntu, filosofia africana que trata da importância das alianças e do relacionamento das pessoas umas com as outras. Na tentativa da tradução para o português, ubuntu seria “humanidade para com os outros”. Uma pessoa com ubuntu tem consciência de que é afetada quando seus semelhantes são diminuídos, oprimidos. De ubuntu, as pessoas devem saber que o mundo não é uma ilha: Eu sou porque nós somos”. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/ubuntu-filosofia-africana-conceito-de-humanidade-em-sua-essencia/>. Acesso em: 02/10/2023.

24 Movimento Político formado por mulheres colombianas em toda a sua diversidade; mulheres de todas as regiões do país e de 20 países da diáspora colombiana. Mulheres indígenas, afrodescendentes, camponesas, lésbicas, bissexuais e trans. Meninas, jovens, adultas. Estudantes, profissionais, mães chefes de família e trabalhadoras domésticas. Um movimento autônomo, independente, construído coletivamente com base na democracia interna e no governo aberto. Disponível em: <https://www.estamoslistas.com/>. Acesso em: 02/10/2023.

25 O Ocupa Política é uma confluência de organizações, coletivos da sociedade civil e (até 2020) 17 Mandatos-Ativistas. Buscou ocupar a política institucional, potencializar candidaturas ativistas e articular uma política suprapartidária de renovação progressista nacional. Disponível em: https://www.instagram.com/ocupa_politica/. Acesso em: 02/10/2023.

26 O candidato líder nas pesquisas das eleições presidenciais na Colômbia, Gustavo Petro, da coalizão Pacto Histórico, decidiu suspender temporariamente sua campanha na região sul-ocidental do país por razões de segurança. O comitê de campanha afirma ter informações de que o grupo paramilitar ‘La Cordillera’ estaria planejando um atentado contra Petro nos dias 3 e 4 de maio, quando o candidato realizaria atividades de campanha no eixo cafeeicultor.” Citado em Líder nas pesquisas na Colômbia, Petro suspende atividade de campanha por ameaça de morte, por Michele de Mello, **Brasil de Fato**, 3 de maio de 2022. Disponível em: <https://horadopovo.com.br/colombia-candidato-da-oposicao-sofre-atentado/>. Acesso em: 02/10/2023.



Algumas iniciativas dos movimentos sociais contra a violência

Natália relata uma interessante iniciativa para ajudar os jovens a não serem presa fácil do tráfico ou do Exército. Como já relatado anteriormente, vários movimentos como estes dois, além das FARC, milícias e outros, focam no recrutamento dos jovens para os seus campos.

Na Colômbia, testemunhamos mobilizações de movimentos sociais para tentar resgatar os jovens e evitar que caíam nas mãos do tráfico ou do Exército. Há um grupo que resolveu trabalhar a partir de uma comunicação narrativa. Eles colocaram uma câmera na mão desses jovens para que pudessem contar suas histórias a partir de sua própria perspectiva, mostrando como veem a violência ou como se veem a partir de uma mobilização cultural dentro do seu território. Até um jornal esses jovens criaram e publicaram no YouTube. Isso lembra muito o nosso projeto Zoom, que vamos começar no mês que vem. Para esses jovens, esta iniciativa é uma forma de se protegerem e de comunicar às pessoas o que acontece ao seu redor, destacando tanto as coisas negativas quanto as positivas.

Natália, adicionalmente, relembra uma ação importante entre mulheres para sua proteção contra a violência:

Uma outra coisa que a gente viu que dialoga muito com os promotoras legais populares de Geledés²⁷ é La Red Mariposas²⁸ (Rede as Borboletas).

E Bianca apresenta sua leitura acerca do projeto Las Mariposas e de outra iniciativa denominada Madres de Primera Línea (algo como Mães da Linha de Frente):

Eu fiquei mesmo apaixonada pelas Las Mariposas e pelas Madres de Primera Línea²⁹. Dois grupos de mulheres, mulheres negras, mais velhas. As mariposas falam que era muito difícil conversar com as mulheres sobre violência doméstica. O que elas fizeram lá foi começar a pensar em redes a partir do comadrio, e se chamaram de borboletas, que é essa coisa de ir borboleteando. Então, se eu percebo na minha comunidade que há uma mulher em situação de violência eu não vou com uma cartilha, eu busco uma aproximação informal. E aí eu vou lá, conversando. Quando eu vejo que tem uma brecha, eu convido ela pra fazer um curso. Acho que mais de dez mil pessoas já fizeram esse curso, elas são como as nossas promotoras legais populares. E, a partir daí, elas vão se engajando e vão multiplicando as mariposas. Então, além de a mulher sair da situação de violência, ela também vira uma replicadora.

27 As Promotoras Legais Populares (PLPs), conhecidas em diferentes países da América Latina também como "agentes multiplicadoras de cidadania", são lideranças comunitárias que escutam, orientam, dão conselhos e auxiliam outras mulheres a terem acesso à justiça e aos serviços que devem ser procurados quando sofrem algum tipo de violação de seus direitos. Além do papel orientador, as PLPs compartilham informações e promovem o uso instrumental do Direito no dia a dia de mulheres negras e não negras para efetivação dos seus direitos. Elas trabalham, principalmente, em benefício dos segmentos populares no enfrentamento da violência contra as mulheres, das discriminações de gênero, de orientação sexual e do racismo. As PLPs costumam atuar em comunidades, sindicatos, escolas, hospitais, postos de saúde, entre outros. Algumas organizam manifestações para reivindicar direitos e participam de movimentos que possam fortalecer suas lutas também na implementação de políticas públicas, o que constitui um dos maiores desafios enfrentados no cotidiano das Promotoras Legais Populares. De maneira geral, têm participado do curso em Geledés mulheres de 17 a 65 anos de idade, de ocupações e profissões variadas: donas de casa, professoras, advogadas, empregadas domésticas, estudantes, vendedoras, assistentes sociais, funcionárias públicas, entre outras. A maioria são mulheres negras, das camadas populares e de áreas periféricas da cidade de São Paulo e suas regiões, ou seja, pessoas que quase não têm, acesso a informações sobre cidadania, além de serem as principais vítimas de violações dos direitos humanos, muitas vezes, perpetradas por agentes do Estado. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/promotoras-legais-populares-aco-es-e-desafios-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 02/10/2023.

28 "Composta por cerca de 120 voluntárias, a Red Mariposas atua em Buenaventura e na costa do Pacífico colombiano e desde sua fundação, em 2011, já atendeu mais de mil mulheres e suas famílias. Gloria Amparo Arboleda Murillo, uma das coordenadoras da Red Mariposas, explicou que o grupo baseia seu trabalho na solidariedade: "pensamos que este é um processo organizacional diferente, é entreajuda, é apoio a nós próprios, interessa-nos estar, na dor dos outros, e foi assim que nasceu o nosso papel". Como parte de seu trabalho, Red Mariposas ajuda as mulheres mais vulneráveis a acessar serviços médicos e denunciar os abusos de que foram vítimas. Citado em **A organização Red Mariposas, da Colômbia, recebe o prêmio Nansen do ACNUR**. Disponível em: <https://news.un.org/es/story/2014/09/1312911>. Acesso em: 02/10/2023.

29 Disponível em: <https://latfem.org/las-madres-en-primera-linea-por-el-derecho-a-la-vida-la-justicia-y-la-paz-en-colombia/>. Acesso em: 02/10/2023.

Nas Mães de Linha de Frente, as partes envolvidas são as mães das vítimas. Como as Mães de Maio aqui³⁰ e elas também estão articuladas em movimentos latino-americanos de mães. E vou aproveitar esse gancho, porque eu fui para Brasília na semana passada para apresentar ao Supremo Tribunal Federal a denúncia de genocídio da população negra no Brasil através da Ação Direta de Preceito Fundamental – ADPF³¹. Lá estavam o Movimento Mães de Maio, Mães de Manguinhos, Mães de Paraisópolis, vários movimentos de mães com essa dor. Essa narrativa do genocídio a partir das mães também é muito forte lá na Colômbia. O Movimento Mães de Maio, Mães de Manguinhos, Mães de Paraisópolis, vários movimentos de mães com essa dor. Essa narrativa do genocídio a partir das mães também é muito forte lá na Colômbia.

Chegando ao final da apresentação sobre a visita à Colômbia, Natália comenta:

Finalizando a Colômbia, eu queria compartilhar com vocês um vídeo. Para vocês terem uma ideia, a campanha da Francia não tinha dinheiro e, enquanto estávamos na comitiva, convidaram a mim e ao Luiz, que é do Peregum, para ajudar na campanha, filmando e fotografando. Nós fizemos isso e resultou em um vídeo.³²

Transcrevemos a seguir o teor da fala de Francia Márquez, seguida da fala de Anielle Franco, registrada naquele vídeo:

Vocês veem muitas mulheres aqui. Porque nós, mulheres, hoje ocupamos a política, não somente na Colômbia, mas na América Latina. Aqui, temos uma delegação de mulheres do Brasil, mulheres negras brasileiras que agora também disputam na política em favor da vida. Vamos dar a estas mulheres um forte aplauso! [Aplausos]. Este telão traz o rosto de uma mulher: Marielle Franco, a primeira deputada afro que foi assassinada no Brasil. Uma mulher que, como nós, estava na linha de frente para de-fender sua gente, para defender a vida. Ela não está mais aqui, mas segue conosco. E por estar seguindo conosco, nossas irmãs afro-brasileiras vieram até aqui para nos acompanhar nesta luta, para dizer que a Colômbia não está sozinha. Que a luta daqui também é a luta de lá. Vamos dar a palavra à irmã de Marielle Franco. Vamos lhe dar um forte aplauso! [Aplausos].

“Boa noite, eu sou Anielle Franco, irmã de Marielle Franco. Estou muito emocionada, pois minha irmã poderia ter sido a primeira presidenta negra no Brasil. [Aplausos]. Mas, infelizmente, ela foi assassinada. No entanto, há esperanças com Francia! [Aplausos]. Eu me sinto representada por uma mulher negra no poder. Sou porque somos! [Aplausos]

Bianca apresenta seus comentários finais sobre a visita à Colômbia, conectando-a ao que foi apresentado no vídeo:

Nesse momento com a Francia, eu só chorei, por ter a certeza de testemunhar um momento histórico. Como foi bom a gente ter ido. Fico com a sensação de que a Francia representa o acúmulo do movimento de mulheres negras, e é uma coisa tão grande que ouvimos e vimos lá. Precisávamos mesmo estar lá para testemunhar essa campanha, algo muito maior que nós.

30 “Em maio de 2006, policiais e grupos paramilitares de extermínio ligados à polícia promoveram o que chamaram de “onda de resposta” aos “ataques do PCC”, como foram rotulados pela mídia tradicional. O resultado foi o assassinato de no mínimo 493 pessoas – que hoje constam entre mortas e desaparecidas, – das quais mais de 400 jovens negros, afro-indígena-descendentes e pobres executados sumariamente. O movimento é uma rede de mães, familiares e amigos(as) de vítimas da violência do Estado, situado em São Paulo, sobretudo na capital e na Baixada Santista. Formado a partir dos chamados Crimes de Maio de 2006, o grupo tem como missão lutar pela verdade, pela memória e por justiça para todas as vítimas da violência discriminatória, institucional e policial contra a população pobre, negra e os movimentos sociais brasileiros, de ontem e de hoje”. FUNDO BRASIL.ORG. **Mães de maio**. Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/projeto/maes-de-maio/>. Acesso em: 02/10/2023.

31 COALIZÃO NEGRA POR DIREITOS.ORG. **Coalizão Negra pede STF para reconhecer genocídio da população negra**. Disponível em: <https://coalizaonegrapordireitos.org.br/2022/05/11/coalizao-negra-pede-stf-reconhecer-genocidio-da-populacao-negra/>. Acesso em: 02/10/2023

32 Disponível em: https://twitter.com/FranciaMarquezM/status/1501577877833371655?ref_src=twsrc%5Etfw. Acesso em: 02/10/2023.



Natália agora apresenta seus comentários finais a esta primeira etapa da viagem da comitiva:

Eu também agradeço os momentos mais lindos que já vivi. Vimos pessoas de todos os contextos do Brasil e, ao chegar na Colômbia, encontrar esperança... é isso, nossa... é esperança, que encontramos aqui. Isso nos deu energia para partir para nossa próxima jornada, que foi o Chile. A Colômbia me trouxe um contexto muito reflexivo. Refleti muito sobre homens e mulheres negras, sobre narrativas, sobre quais narrativas estamos construindo dentro da comunicação, sobre política e sobre meu papel enquanto jovem negra na política do meu país.



A visita ao Chile



A comitiva chega agora ao Chile para participar da cerimônia de posse do recém-eleito presidente da República do Chile, Gabriel Boric. O convite para a posse tinha três convidados oficiais do Brasil³³ a ex-presidenta Dilma Rousseff, representando o Partido dos Trabalhadores; o presidente nacional do PSOL, Juliano Medeiros; e Anielle Franco, representando a sociedade civil brasileira. Conforme consta no site do Instituto, a viagem ao Chile objetivou reuniões “com a prefeita de Santiago e ministras de Estado para debater a possibilidade de internacionalizar o legado.”³⁴

Naturalmente, as demais pessoas que faziam parte da comitiva, tal como na visita à Colômbia, tiveram a oportunidade de cumprir com agendas próprias de suas áreas de interesse e atuação. Os relatos a seguir, feitos por Bianca e Natália, trazem suas percepções e vivências associadas a Anielle Franco na visita ao Chile, mas também discorrem sobre agendas que realizaram no país.

Bianca inicia a sua intervenção destacando a importância do convite feito pelo governo chileno aos três convidados especiais do Brasil:

Três pessoas são convidadas oficialmente: uma pessoa do PT, que foi a Dilma; outra do PSOL, Juliano Medeiros; e Anielle Franco. Esse convite oficial tem a ver com a importância da Marielle para aquele grupo político, porque era uma interação que já existia. Antes de ser um partido, esse grupo do Boric fez um ato em frente à embaixada do Brasil no dia 15 de março de 2018, depois do assassinato da Marielle³⁵. Então, quando chegamos lá, três ministras e uma subministra param tudo o que elas estavam fazendo dois dias antes da posse e vão conversar com a gente. Imagina que no Brasil alguém dá essa moral para uma comitiva de movimento negro.

Bianca, então nos relata o contexto em que ela chega ao Chile e como percebe o seu entorno:

E aí a gente vai para o Chile ainda emocionadas com a Colômbia, mas o Chile nos traz um outro contexto. Chego lá com outras sensações, outros sentimentos. É uma sensação de que ‘ok, está tudo muito bonito, está tudo muito lindo, mas isso não foi feito pra mim. Esse, esse não é o meu território, a banda aqui não toca para meu lado’. Mas, ao mesmo tempo, existe o sentimento de esperança que é o governo do Boric. De que também estamos vivenciando a história, podendo cobrir a presença de um presidente jovem, um progressista, e de ver uma imagem de mulheres gigantes, algo que eu nunca tinha visto nem aqui no Brasil.

33 “A ex-presidente Dilma Rousseff e o presidente nacional do Psol, Juliano Medeiros, estão entre os 42 “convidados especiais de Gabriel Boric”, o novo presidente do Chile, que toma posse nesta sexta-feira (11). Também a ativista Anielle Franco estará presente à cerimônia. Segundo a equipe do novo chefe de Estado, “o futuro presidente quis convidar um amplo leque de pessoas comprometidas com a causa democrática e a luta pelos direitos humanos, e pela dignidade das pessoas”. Citado em MARETTI, Eduardo. Dilma e Juliano Medeiros são convidados especiais à posse de Boric. **RBA**, 11/03/2022. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/mundo/dilma-e-juliano-medeiros-sao-convidados-especiais-a-posse-de-boric/>. Acesso em: 02/10/2023.

34 Disponível em: <https://www.institutomariellefranco.org/2022>

35 “No marco do assassinato político de Marielle Franco, em Santiago, e em frente à embaixada brasileira, centenas se reuniram para repudiar o ato. Sexta-feira, 16 de março de 2018 | edição do dia”. Citado em **MARIELLE FRANCO – Concentración en repudio al asesinato de Marielle en Santiago**. Disponível em: <https://www.laizquierdadiario.com.uy/FOTOGALERIA-Concentracion-en-repudio-al-asesinato-de-Marielle-en-Santiago>. Acesso em: 02/10/2023.

A Marcha de Mulheres

A comitiva brasileira chegou ao Chile a tempo de participar da Marcha de Mulheres pelo dia 8 de março, um evento que, ano após ano, toma dimensões cada vez maiores. Conforme a mídia local divulgou:

"Milhares de mulheres saíram às ruas em todo o país para comemorar o novo Dia Internacional da Mulher. Em Santiago, a marcha começou na chamada Plaza Dignidade, onde estiveram presentes alguns representantes políticos, entre eles, ministros do governo de Gabriel Boric. [...] Parlamentares e ministros do futuro governo estiveram presentes na marcha, entre eles a ministra do Segegob, Camila Vallejo, Izkia Siches, do Interior, e Antonia Orellana, do Ministério da Mulher e Igualdade de Gênero"³⁶. A participação de Bianca e Natália neste evento nos traz muitas percepções acerca do feminismo no Chile a partir de sua experiência na marcha. Natália relata:

A marcha de mulheres no Chile foi muito louca. A gente chegou numa chuva de grupos de mulheres. Mulheres muito jovens, parecia até uma excursão de escolas, meninas na faixa de 13 a 14 anos, todas muito unidas, muito diversas. Você anda pelas ruas de Santiago e vê grafites, vê nos monumentos dizeres de protesto de mulheres. Entendemos o que era cada monumento a partir da perspectiva de uma mulher que havia grafitado naquele monumento. Então, é nítido que Santiago, pelo menos onde a gente se situou, era uma cidade feminista. Quando chegamos na manifestação, por exemplo, uma coisa que me surpreendeu é que eu chegava para fotografar e nenhum homem disputava uma imagem comigo. Eles me deixavam registrar e eu tirava a foto. Era um ambiente de mulheres, porque isso não ocorre com, por exemplo, a Mídia Ninja, que os caras disputam a fotografia com a gente e a gente tem de empurrar a pessoa para tirar uma foto! Quando um homem esteve na administração da marcha, por duas vezes ele foi expulso, porque as mulheres não o queriam lá. Foram vaiados, e eles desciam de onde estavam. Todas as mulheres tiravam esses homens, e eles saíam de lá.

Bianca e Natália nos falam mais sobre o feminismo no Chile e sobre a influência que o movimento teve nas eleições chilenas, com o apoio dado a Gabriel Boric. Bianca comenta:

Bom, 350 mil mulheres na rua. O feminismo lá não é brincadeira, é o principal movimento popular. Elas dizem que o nosso 'EleNão'³⁷ foi muito importante para elas pensarem na campanha. E elas acham que um dos principais problemas do 'EleNão' é que ele é negativo. Por isso, elas decidiram apoiar o Boric, fazer campanha pelo Boric e não uma campanha contrária ao seu opositor. Foi um 'EleSim'. E isso lembra tanto o que foi o fim do governo Pinochet, o que é relatado no filme chamado 'No'³⁸ Não sei se vocês se lembram, mas o Pinochet fez um plebiscito antes de sair³⁹, e o plebiscito era assim: 'Pinochet deve continuar sendo o presidente do Chile? Sim, Não.' Então, quem era a favor da democracia tinha que fazer uma campanha pelo 'não'. E a esquerda chegou com um monte de imagens de tortura etc. Aí chega um publicitário e fala: 'Ninguém vai votar nisso. As pessoas querem votar no que é bonito, na alegria.' Então, a musiquinha 'Chile, a alegria já vem'⁴⁰ com um monte de arco-íris e gente feliz para as pessoas votarem 'não', deu certo desse jeito. Então, assim, eu acho que a gente tem uma lição para aprender com as chilenas. Elas se inspiraram no nosso 'EleNão', mas o transformaram em 'sim'. Então, agora não adianta a gente ficar no que fizemos, é melhor a gente tentar do jeito que elas estão fazendo, que está dando mais certo.

36 Disponível em: <https://radio.uchile.cl/2022/03/08/la-marea-feminista-desborda-las-calles-en-multitudinaria-marcha-por-el-8m/> Acesso em: 02/10/2023

37 Os protestos contra Jair Bolsonaro, conhecidos como **Movimento Ele Não ou #EleNão**, foram manifestações populares lideradas por mulheres que ocorreram em diversas regiões do Brasil e do mundo, tendo como principal objetivo protestar contra a candidatura à Presidência da República do deputado federal Jair Bolsonaro. As manifestações ocorreram nos dias 29 de setembro e 20 de outubro de 2018, e se tornaram o maior protesto já realizado por mulheres no Brasil e a maior concentração popular durante a campanha da eleição presidencial no Brasil em 2018. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Ele_N%C3%A3o. Acesso em: 02/10/2023.

38 Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/No_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/No_(filme))

39 Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Plebiscito_nacional_do_Chile_de_1988

40 Disponível em: <https://genius.com/Coro-bajo-cuerda-chile-la-alegria-ya-viene-version-completa-lyrics>



Desdobramentos das percepções sobre o feminismo no Chile

Sueli Carneiro, participante da audiência em que Bianca e Natália apresentam o relatório de sua viagem, levanta algumas questões durante o debate que se segue e abre um bom espaço para reflexões acerca do feminismo no Brasil e na América Latina. Sueli compartilha os seguintes pensamentos:

A questão do feminismo me inquietou muito. A situação na Colômbia é uma situação, infelizmente, permanente, persistente. Encontramos isso há 30 anos, há 20 anos, sabemos que tem uma permanência perversa. Mas o que está acontecendo no Chile, na questão da mulher, me parece muito fora da caixinha em relação a tudo que acontece na América Latina. No Brasil, temos um cenário, digamos, de esgotamento, tal-vez, do feminismo, do feminismo tradicional, branco e tudo mais, que foi gradualmente substituído pelo feminismo negro, que hoje é hegemônico no debate aqui no Brasil. Mas, apesar de ser hegemônico, tem a questão que competência a mulher negra tem para pensar a questão do feminismo em geral, do feminismo em particular. Faz o quê com isso? É uma pergunta que não quer calar para as novas gerações. Aqui está o feminismo negro, mas qual é a proposição? Qual é o projeto emancipatório que esse feminismo negro juvenil traz? Agora, para nosso debate interno: vocês conseguiram identificar onde se dá esse, digamos, renascimento do feminismo branco latino-americano do Chile, tendo em vista que o que nós temos que fazer é reabilitar o feminismo branco porque ele está fazendo falta na política? Precisamos dar um jeito, porque acho que está na hora de reabilitar esse feminismo, porque com a força política progressista, apesar de muitas vezes racista, que a gente pode letrar racialmente e que compõe o universo do campo progressista, está em dívida nesse momento.

Vocês tiveram alguma pista por onde essa expansão do feminismo se dá no Chile? Eu não consigo entender por que o cenário no Brasil é parecido com o que aconteceu na Argentina. A gente conhece as regras feministas da região e é um cenário débil, concordam? E no Chile, com esse negócio de 350 mil mulheres na rua... Vamos combinar, a gente ficou muito contente de levar 50 mil mulheres para Brasília, em 2015⁴¹ ⁴²... Imagina, trezentos e cinquenta mil, têm alguma explicação?

Natália acolhe os questionamentos de Sueli e apresenta sua perspectiva a partir da vivência no Chile:

Suponho que pela mobilização das jovens que eu via nas ruas me pareceu resultar de que ser feminista no Chile é cool, é legal, não é coisa de gente velha, não é coisa de gente que não raspa o sovaco. Me pareceu que no Chile ser feminista é algo muito legal, algo que garante o meu direito, e eu quero ter o meu direito. Fiquei muito impactada em ver isso na rua. Ao perpassar cada muro, você vê um grafite feminista. É uma coisa que estava nas ruas, não estava preso dentro de casa, não estava dentro de uma organização, não estava dentro do movimento estudantil, estava para todo mundo ver, estava para todo mundo com uma mão erguida com um arquinho em volta. Todo mundo com uma frase 'quem mora no Chile é feminista', mulheres no poder. Então, acho que ver essa imagem na rua impacta muito as jovens, impacta muito na pessoa que está ali querendo saber o que é aquele fundo, o que é essa simbologia que as mulheres feministas trazem.

41
A ocupação as das ruas de Brasília/DF por mais de 50 mil mulheres negras significou denunciar o racismo, o genocídio da população negra, romper com os estereótipos de não ser padrão de beleza, denunciar a exclusão, a pobreza, o feminicídio, a violência; significou romper com as cortinas do passado, com o ranço da escravidão, ainda presentes no cotidiano das mulheres negras, independentemente da posição social que ocupem na sociedade brasileira. Cf. nota 51

42 Para saber mais sobre a Marcha das Mulheres Negras em Brasília no ano de 2015, consulte <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2016/09/E-book-Marcha-das-Mulheres-Negras-comprimido-20.09.16.pdf>

Bianca apresenta também a sua percepção do porque o feminismo prosperou tanto no Chile:

A rua é ocupada pelas mulheres jovens e muita organização feminista, universitária e secundarista. As escolas têm coletivos feministas e as universidades também. No Brasil, tínhamos isso em 2015/2016 e acho que a nossa pergunta deve ser: o que aconteceu? O golpe de 2016 não foi pouco, porque tirar a Presidenta da República provocou uma imensa desmobilização do feminismo. Em 2015, tínhamos o 'Fora Cunha nas ruas'⁴³. Portanto, era parecido com o que era lá nesse caminho.

Natália apresenta outros avanços que o movimento feminista chileno alcançou nos últimos anos, através de duas iniciativas marcantes, a primeira no campo da luta contra a violência contra a mulher e a segunda na ocupação de espaços políticos pelas mulheres. As notas de rodapé trazem informações para aumentar a compreensão destas duas ações:

Houve [entre 2015 e 2022] duas manifestações feministas importantes: Nem uma a menos⁴⁴, que foca as denúncias de as-sédio e violência que se alastraram a partir de 2015 e o Estamos Listas⁴⁵ [impulsionar mulheres para ocuparem o Parlamento].

Bianca complementa suas percepções sobre o movimento feminista latino-americano trazendo uma experiência que ela vivenciou em Buenos Aires:

Em Buenos Aires, antes da votação do aborto, havia um lencinho verde que as mulheres carregavam na bolsa, no metrô, na rua. As mulheres iam trabalhar com o lencinho ou no pescoço ou na bolsa ou na mesa de trabalho. Houve uma atividade pública que participei, uma conversa sobre literatura que não tinha nada a ver com feminismo. Mas, antes de fa-lar, as autoras pegavam o lencinho da bolsa e o colocavam na mesa. Colocavam na frente delas e elas estavam lá para falar sobre outro assunto. Então, é um negócio visualmente muito marcado e me parece que foi crescendo. Foi assim na Argentina e agora o que a gente viu lá é que aconteceu a mesma coisa no Chile.

Não obstante, Bianca traz uma perspectiva interessante sobre como as feministas no Chile veem as feministas no Brasil:

A loucura é que elas se referiram muito a nós. Então, elas falam dos nossos atos de 2015 como inspiradores para elas. Elas falam das nossas articulações dos anos 1980 e 1990 como quem as ensinou a conversar nos bairros. Como quem as en-sinou a fazer a orientação de mulheres. Então, quando nós ficamos espantadas com a organização delas, elas falam: como assim? A gente imitou o Brasil! Mas aí vem o pensamento de que ser feminista é moda e aqui parece que fazemos esta crítica: ah, isso aí é modinha. No Chile, isso foi levado para a rua e foram elas que conseguiram a Constituinte.⁴⁶

43 "Único movimento de rua a focar seus protestos exclusivamente no presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), o Levante Popular da Juventude organiza mais uma ação contra o peemedebista para esta segunda-feira, 23. O movimento quer levar manifestantes às ruas de 20 Estados para gritar o "Fora Cunha" e contra "a ofensiva conservadora". O protesto foi marcado, segundo o movimento, para pressionar o Conselho de Ética a votar, na terça-feira, 24, a favor do parecer do deputado Fausto Pinato (PRB-SP), que votou pela admissão do pedido de cassação de Cunha. Formado principalmente por estudantes, o mesmo grupo organizou o protesto contra Cunha do último dia 13, que levou 2 mil pessoas ao vão do Masp, em São Paulo." Citado em Movimento promete protestos contra Cunha em 20 Estados, por **Estadão Conteúdo/ Redação Folha Vitória**, 23 de novembro de 2015. Disponível em: <https://www.folhavoria.com.br/politica/noticia/11/2015/movimento-promete-protestos-contracunha-em-20-estados>. Acesso em: 2/10/2023

44 Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ni_uma_menos

45 Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2022-01-21/estamos-listas-el-movimiento-de-mujeres-que-busca-llegar-al-congreso-en-colombia.html>

46 Em troca de mensagens com o pesquisador deste documento, Bianca relembra que quando a comitiva esteve lá a constituinte estava em curso. Infelizmente, não foi aprovada pelo plebiscito posterior.

Por fim Natália traz algumas informações pertinentes ao feminismo no Chile, no tocante à questão do aborto:

No Chile, a discussão sobre o aborto é uma coisa assim, bem, bem forte⁴⁷. Já na Colômbia, chegamos duas semanas de- pois da aprovação do aborto, mas é interessante ver como a Colômbia trata o aborto de uma forma muito tímida. Elas quase não falaram da questão.⁴⁸

O Avanço do Conservadorismo no Chile

Natália traz um alerta sobre o avanço do conservadorismo no campo da educação no Chile, apesar de serem constatados tantos avanços na mobilização da sociedade por demandas de seus direitos. Ela destaca:

Quando a gente olha para a educação, o conservadorismo está muito forte também no Chile. E ele atravessa toda a América Latina

O destaque que Natália dá ao avanço do conservadorismo em toda a América Latina é objeto de muitos estudos acadêmicos. Destacamos aqui o estudo realizado por Dalila Andrade Oliveira, em que a autora⁴⁹ revela:

A defesa de posições conservadoras em relação à escola, de valores tradicionais e anacrônicos no que se refere ao ensino, vem no sentido de contrapor-se à autonomia pedagógica e aos direitos políticos, civis e sociais. Ao mesmo tempo, constata-se a ampliação da privatização da oferta educativa na maioria dos países da região. Apesar de pare-cerem processos independentes, a tendência à privatização e o avanço conservador apresentam convergências e estão articulados em vários aspectos.

A violência política no Chile

Bianca e Natália puderam testemunhar o clima de violência política vigente no Chile durante sua viagem e após sua partida do país. Bianca relata:

O Boric quase perdeu a eleição. O 'Bolsonaro deles' quase ganhou. Então, tem um clima social pesado. Não é um clima tranquilo para o novo governo. No dia seguinte à nossa volta ao Brasil, a ministra Izkia sofreu um atentado; atiraram no carro dela quando foi visitar a região mapuche⁵⁰. Então, está muito pesado. Não vai ser fácil aprovar a Constituição⁵¹; não vai ser fácil para o governo continuar fazendo as coisas, além das ameaças de atentados. Tem um clima social tenso. Mudar tudo de jeito.

47 Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2021/09/28/chile-da-grande-passo-legislativo-rumo-a-descriminalizacao-do-aborto.htm>

48 Ainda assim, pouco antes da comitiva visitar a Colômbia, o país se tornou o sexto da América Latina e do Caribe onde o aborto não é mais considerado crime. A decisão histórica do Tribunal Constitucional colombiano no dia 21 de fevereiro de 2022 confirmou o aborto até as 24 semanas de gestação. Citado em **Aborto na Colômbia: a 'onda verde' que está descriminalizando interrupção da gravidez na América Latina**, 6 março 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60501587>. Acesso em: 02/10/2023.

49 OLIVEIRA, Dalila Andrade. Regressão conservadora e ameaças às políticas públicas em educação na América Latina. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, Brasil, v. 29, n. 3, p. 181-204, set./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/56014>. Acesso em: 02/10/2023.

50 <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2022/03/15/ministra-chile-tentativa-atentado.htm>

51 De fato, a proposta de nova Constituição no Chile foi rejeitada em 4 de setembro de 2022, como podemos ler a seguir: "Por ampla maioria, a população do Chile decidiu neste domingo rejeitar a proposta de uma nova Constituição para o país. [...] com 99,4% das mesas apuradas, a rejeição ao texto tinha quase 62% dos votos contra 38% da aprovação. O resultado mantém em aberto o processo de mudança constitucional que se apresentava como solução para resolver as tensões sociais do país. Depois de aprovar a redação de uma nova Constituição (em 2020) e eleger os membros da Constituinte para escrevê-la (em 2021), o país finalmente decidiu, por meio de um referendo obrigatório, rejeitar a proposta da nova Carta Magna. A coalizão governista liderada pelo presidente Gabriel Boric havia proposto mudanças mesmo que a Constituição fosse aprovada, na tentativa de mitigar os temores dos partidários de rejeição de que certos pontos do texto eram 'radicais'." Citado em: **Chile rejeita proposta de nova Constituição. BBC News Mundo**, 4 setembro 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-62791155>. Acesso em: 02/10/2023.

Reflexões sobre o movimento de rua no Chile e seu paralelo no Brasil

Bianca esclarece que o movimento de rua no Chile, ainda que seja bastante presente, não pode ser considerado um movimento hegemônico:

Talvez a gente tenha passado a impressão errada, não é que a rua está ganha [no Chile]. Há muita disputa. Ao lado da pichação feminista, há a pichação antivacina e muitas outras. No 8 de março, havia a mulherada com spray pichando em cima dos panfletos conservadores.

A participante Tereza Rocha complementa esta observação de Bianca e lança uma pergunta:

Para tirar manifestante de algum ato no Chile é muito complicado. Eles têm um enfrentamento gigantesco com a polícia. Tanto as mulheres quanto os homens, e não é só feminista, são todos participantes dos atos lá. O que acontece aqui, quando a gente vai para rua, é que as pessoas não ficam. E, quando há pessoas que fazem um cordão, elas são expulsas do ato. Lá, quando a polícia chega, elas fazem o cordão. E por que aqui no Brasil as pessoas que fazem o cordão são tão criticadas, são arrancadas dos atos, e lá são essas pessoas que levam o ato à frente? Vocês conseguiram identificar isso também?

Natália apresenta sua percepção e responde:

Na posse do Boric, a Bianca e uma parte da comitiva já estavam lá dentro, e eu, o Luiz e a Thux não tínhamos como entrar porque a polícia fez um bloqueio. E aí eu falava para o Luiz: a gente vai morrer aqui! Vamos para fora! Tinha cadeirante, velhinho chamando a polícia de porco. E aí eu pensava: gente, não dá para ficar aqui. Eu, a 'mandona', querendo ir embora, mas tinha visto as pessoas na frente querendo entrar e a polícia não deixando entrar, e eles bloqueando. Então a gente teve que dar a volta para achar uma entrada. Mas os outros ficaram lá até a polícia deixar eles entrarem e verem a posse.

Aspectos da cultura de negociação política no Chile e no Brasil

Bianca compartilha uma interessante reflexão sobre como podemos comparar as culturas de negociação política no Chile e no Brasil:

O que me parece diferente do que a gente tem no Brasil é que lá não há recuo nas pautas. Tem essa loucura do Boric de fechar a fronteira, que eles assumem porque essa é a própria proposta racista deles. Eles são sem-vergonha. Mas todas as pautas têm o cuidado de ter a economia como centro, mesmo os presos políticos. Então, além das prisões, a greve também prendeu muita gente. O primeiro ato deles em governo foi libertar todos os presos políticos. Tinha 160 pessoas presas dessas greves e atos de rua e o primeiro ato deles foi uma canetada para soltar todo mundo⁵².

Então, eles não estão recuados nesse discurso da agenda mínima e todo mundo estava na televisão, no jornal, na rua, falando o que tem que falar. Então, foi difícil ganhar uma eleição? Beleza, somos um governo feminista. Então, se você não recua porque é difícil, você vai pra cima porque é difícil. Isso me parece que é onde a gente perde no Brasil. Porque a gente retira a agenda. Então, a gente acha que para negociar a gente tem que abrir mão de toda a nossa agenda. Tanto na Colômbia quanto no Chile me pareceu um discurso radicalizado, no que há de bom nessa palavra de radical.

52

Havia de fato uma promessa de campanha de Boric, de libertar os presos políticos do que foi conhecido como a explosão social de 2019. No entanto, essa medida não foi tomada como esperado logo nos primeiros dias de seu mandato e Boric decidiu incorporar esta promessa à nova constituição que estava sendo gestada. Com a reprovação popular à proposta de nova constituição, em setembro de 2022, os presos políticos ficaram num limbo. Até que em 31 de dezembro de 2022, Boric concede um indulto a 12 dos prisioneiros. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/boric-concede-indulto-a-12-condenados-ap%C3%B3s-protestos-de-2019/a-64251356>. Acesso em: 02/10/2023. Porém, gera uma crise no gabinete governamental, com a saída da ministra da Justiça, Marcela Ríos, e do chefe de Gabinete de Boric, Matías Meza-Lopehandía, que renunciaram por discordarem dos indultos. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/01/ministra-da-justica-e-chefe-de-gabinete-de-boric-renunciam-apos-crise-por-indultos.shtml>. Acesso em: 02/10/2023.



Racismo presente no Chile

Natália segue seu relato, indicando que nem tudo foram flores, e que incidentes de discriminação racial também aconteceram na marcha:

Eu participei da manifestação basicamente sozinha. Fui para o hotel, e aí eu fui andando, quis tirar fotos e vivenciar tudo sozinha, não fiquei com a comitiva. Em determinado ponto da manifestação, estava fotografando e uma menina jogou cerveja em mim. Fiquei morrendo de medo, e minha única reação foi colocar a câmera no rosto e continuar tirando fotos. Eu não entendi o que estava acontecendo até me acercar de uma conversa com outras mulheres negras do Chile, que me disseram que aquilo foi racismo.

Ela pisou na cerveja e me molhou toda. Ela ficou falando e eu não entendia o que ela dizia. Uma outra mulher ficou muito irritada e brigou com ela, mas eu não entendi e não me lembro de nada do que foi falado, porque fiquei muito apreensiva. Estava em um país diferente, não sabia falar a língua, e aí uma pessoa joga cerveja gratuitamente em mim. Eu estava com a camiseta da Coalizão, fiquei toda suja de cerveja. Depois, fui falar para a Bianca o que tinha acontecido, mas demorou para cair a ficha que aquilo foi racismo.

Bianca confirma o entendimento de Natália de que o que ocorreu foi um ato racista:

Exato, Santiago é um lugar racista, muito racista. Às vezes, tínhamos até dificuldade de comer, porque estávamos em grupo, às vezes em três, às vezes em seis, ou até dez. Nossa, todos com cara de mal-humorados, irritados, ninguém queria que a gente chegasse aos lugares. Nunca fui a uma cidade tão racista. Não conheci cidade da Europa como essa, não são racistas como em Santiago. Isso era muito contraditório para nós, muito ambíguo, porque por um lado ouvíamos coisas maravilhosas, várias delas compartilhamos aqui, e por outro lado, nossa experiência de brutalidade.

E aconteceu outra coisa que a comitiva decidiu não divulgar lá no Chile e acho que foi uma decisão acertada, senão nossa viagem teria outro caráter. Mas compartilho aqui com vocês. Quando chegamos ao aeroporto de Santiago, já começamos a encontrar homens do exército brasileiro e percebíamos que estavam nos olhando. Já sabíamos, desde o aeroporto, que não seria uma jornada fácil. A Anielle não ficou no hotel oferecido pelo cerimonial chileno e ficou com a gente. Mas como ela ia para a posse, não daria tempo de fazer o exame de PCR para Covid antes do retorno ao Brasil, então a chamaram para fazer o PCR oficial e falaram para irmos todas nós. Já não gostei disso, mas tudo bem, não íamos discutir tudo no grupo.

Áurea Carolina, deputada federal, não esteve conosco na Colômbia e foi nos encontrar no Chile. Ela também estava conosco neste episódio. Estava num momento muito frágil, não queria falar em público, não queria ser representante de nada, só queria participar. Mas quando chegamos a esse hotel, com todo esse clima estranho, nos deixaram esperando, sabe aquela situação que a gente sabe o que é? Eu vi, desconectei e conversei numa reunião online. Então chegaram com cachorros para nos cheirar, num clima de nos expulsar de lá. Num hotel chique, cinco estrelas. A Áurea foi então conversar para saber o que estava acontecendo. O homem do hotel disse: 'Foi o seu vice-presidente (Mourão) que está se sentindo ameaçado pela presença de vocês.'

Natália complementa o relato deste incidente que tem uma continuidade que deixa a todas da comitiva perplexas:

Anielle subiu para fazer o exame, só ela, e nós saímos. Tínhamos outra agenda à tarde com as mulheres negras. Decidimos almoçar ao lado do hotel, porque íamos sair. Dois homens nos seguiram, perceberam que sabíamos quem eles eram, e nos encaravam. Naquela noite, ficamos num hotel conversando, bebendo, dançando, e de repente dois homens brasileiros estavam ouvindo nossa conversa, sem disfarçar. Nossa, foi muito ruim. Mas aí estávamos tirando sarro, Bianca falando em alemão, francês, espanhol, para eles ficarem doidos. Em algum momento, alguém falou de denunciar para a imprensa. Não, viemos aqui fazer outra coisa, não íamos dar essa moral para eles.

A população negra chilena e o racismo no Chile

Bianca nos traz um quadro da situação censitária da população negra no Chile. As notas inseridas na fala dela nos esclarecem ainda mais a situação:

A população negra do norte do Chile se define como tribal, descendente de pessoas escravizadas. Eu não sabia que o Chile, assim como a Argentina, tinha uma maioria da população negra no século dezenove⁵³. Essa população negra do norte é muito ignorada e não tem como se identificar no censo⁵⁴.

Um fato concreto, derivado do fato de a população negra no Chile ser muito pequena, está ilustrado nesta fala de Maria Sylvia, presente à apresentação de Bianca e Natália no Centro de Documentação e Memória Institucional de Geledés:

Eu conheci um grupo de chilenas e uma delas falou para mim que, até os 40 anos de idade, ela nunca tinha tido contato com uma pessoa negra.

Outra participante, Paula Anunciação, presente ao evento no Centro de Documentação, complementa:

Em 2019, estive no Chile para apresentar o meu projeto de dissertação de mestrado na Universidade Católica do Chile. Era ainda bem no comecinho das manifestações e eu me sentia realmente um ET lá, porque eles têm esse olhar com a gente, as brasileiras, como se fôssemos um bichinho de estimação. Havia curiosidade de como lidamos com a legislação antirracista, já que o racismo é muito grande lá, pelo menos na universidade. E aí, agora, faz todo sentido, né? Eles tinham essa problemática.

53 "Muitas vezes, no meu próprio país, passo por estrangeira por causa da minha cor, do cabelo encaracolado, e tenho que dizer com orgulho que sou chilena, tendo que suportar a descrença de muitos e muitos." Estas palavras da ativista Marta Salgado descrevem a realidade que muitos afrodescendentes enfrentam tanto no Chile quanto na vizinha Argentina, países onde a seguinte frase se tornou comum: "Aqui não há negros". Embora seja verdade que, historicamente, a porcentagem de população negra nesses dois países tenha sido muito menor que em outras nações latino-americanas, as coisas eram diferentes na época da colônia. Segundo registros históricos, há 200 anos, em cidades como Buenos Aires e Santiago, os negros chegaram a representar mais de 20% da população, número que pode chegar a 60% em outros locais onde negros escravizados traficados da África eram central para economias locais." GONZÁLES, Jaime. Por que a escravidão foi praticamente apagada da história de Chile e Argentina: 'Aqui não há negros'. **BBC News Mundo**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48600318>. Acesso em: 02/10/2023.

54 Alguns estudos tentaram estimar o número de afro-chilenos que vivem atualmente no país. Em 2013, o Instituto Nacional de Estatísticas (INE) realizou o Primeiro Levantamento de Caracterização da População Negra da Região de Arica e Parinacota. No referido estudo, estimou-se que a população da referida região seria de 8.415 pessoas, equivalente a 4,7% da população deste território. Na prática, não existe um mecanismo oficial do governo que permita medir o número exato de afrodescendentes no Chile. As comunidades desta cidade tomaram medidas para que a etnia "afrodescendente" fosse incluída no censo chileno de 2012. No entanto, a administração de Sebastián Piñera negou a inclusão de uma pergunta nesse sentido. Para o censo chileno de 2017, o INE mais uma vez rejeitou o pedido, argumentando que as questões já estavam construídas e que os indígenas afrodescendentes não eram reconhecidos legalmente. No entanto, este censo foi o primeiro que incluiu a possibilidade de selecionar a opção "Outro" ao identificar o pertencimento a um povo indígena, especificando então a que povo pertenciam. Diante dessa possibilidade, as comunidades afrodescendentes realizaram uma campanha para que seus membros inserissem o termo "afrodescendente" no referido campo, permitindo assim a sua contabilização. No censo de 2017, 9.919 pessoas se identificaram como negras, o equivalente a 0,06% da população nacional, sendo 46,8% registradas na Região de Arica e Parinacota e 31,3% na Região Metropolitana. No entanto, um número significativo de pessoas identificadas como afrodescendentes corresponde a migrantes; 62% das pessoas declaradas como afrodescendentes indicaram que nasceram no Chile, enquanto 38% nasceram em outro país (principalmente Colômbia e Haiti). seriam aproximadamente 6.185 pessoas, das quais 4.401 viveriam em Arica e Parinacota (1,99% da população regional). Disponível em: <https://es.wikipedia.org/wiki/Afrochileno#:~:text=Afrochilenos%20en%20la%20actualidad,-Hacia%20la%20primera&text=En%20el%20censo%202017%2C%209919,hizo%20en%20la%20Regi%C3%B3n%20Metropolitana>. Acesso em: 02/10/2023.



Sueli Carneiro, também presente à apresentação, faz o seguinte comentário:

Sobretudo nas universidades. Os processos de extermínio, de violência, de invisibilização no Chile são muito parecidos com os da Argentina. Mas, no caso do Chile, é bem mais hipócrita porque a Conferência das Américas aconteceu lá, quando se reuniu o continente todo para a participação na conferência de Durban. Foi de lá que saiu a carta de Santiago, a carta das Américas, para a Conferência de Durban e que praticamente orientou toda a plataforma de Durban na questão dos afrodescendentes. Então, temos um nível de cinismo e hipocrisia nessas narrativas e nessas falas que precisa ser denunciado. Este mais importante evento sobre afrodescendência das Américas aconteceu exatamente aqui no Chile.

A população negra chilena e o processo constituinte de 2021

A invisibilidade da população negra no Chile, segregada em bolsões no norte do país, na região de Arica, considerada como uma população tribal de direitos restritos, discriminados pelo Estado num sistema racista estrutural que chegou ao ponto de no ano 2000, por ocasião da Conferência Preparatória de Santiago à Conferência Mundial de Durban em 2001, o então presidente Ricardo Lagos ter afirmado que no Chile não há negros⁵⁵, foi foco da atenção de Bianca e Natália em sua viagem ao Chile.

Bianca relata:

Depois de protestos intensos de 2019, que começaram pela tarifa do metrô⁵⁶, com muita repressão policial, muitas pessoas presas, o governo entregou ao povo que estava nas ruas uma constituinte, já que a constituição era a mesma no Chile desde Pinochet. Fizeram o processo constituinte teoricamente com muito cuidado⁵⁷.

Então definiram que ia ter paridade de gênero, definiram uma enorme quantidade de cadeiras para povos indígenas, até a gente sentar pra conversar com as amigas do Chile e ver que não há uma representação negra, ninguém⁵⁸.

55 "Em 2000, o então presidente Ricardo Lagos disse na Conferência Preparatória de Durban que 'no Chile não há negros porque morreram de frio', nós somos, iniciando um trabalho que os levou ao seu reconhecimento legal como povo em 2019." HUENCHUMIL, Paula. Não há negros aqui: a história desconhecida do racismo de Estado contra os afro-chilenos. **Interferencia**, 20/06/2020. Disponível em: <https://interferencia.cl/articulos/aqui-no-hay-negros-la-desconocida-historia-del-racismo-del-estado-contra-los-afrochilenos>. Acesso em: 02/10/2023.

56 "Os protestos começaram na capital –Santiago– como uma campanha coordenada de estudantes do ensino médio para evitar pagar o metrô de Santiago em resposta a recentes aumentos de preços, levando a confrontos abertos com a polícia nacional. [...] De acordo com vários analistas, os protestos têm sido caracterizados pela ausência de líderes e pela incorporação, em diferentes níveis, de um espectro social amplo, da classe baixa para a média alta. Embora a causa imediata possa ser atribuída ao aumento da taxa de transporte público, as concentrações populares logo expuseram suas causas mediadas: o alto custo de vida (até 2019 Santiago do Chile é a segunda cidade mais cara da América Latina), pensões baixas, altos preços de medicamentos e tratamentos de saúde, e uma rejeição geral de toda a classe política e o descrédito institucional acumulado ao longo dos anos, incluindo a própria Constituição desse país." Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos_no_Chile_em_2019%E2%80%932020. Acesso em: 02/10/2023.

57 "A eleição da professora universitária de origem mapuche Elisa Loncón para presidir a Convenção Constituinte do Chile foi um bom começo. Não quer dizer que o desafio da maioria dos representantes do povo chileno no colegiado recém-instalado será fácil. Ao contrário, o propósito de enterrar de vez o conjunto de leis instituído pela ditadura de Augusto Pinochet há 31 anos enfrentará muitas resistências. De todo modo, Elisa Loncón, intelectual, mulher, indígena e independente, foi eleita com projeto de construção de um Estado plurinacional no Chile. Assim, sua condução ao comando da Constituinte, com 96 dos 155 votos possíveis no último dia 4, vem ao encontro das expectativas dos grandes movimentos sociais e populares da última década, que tanto conquistaram a instalação da Constituinte quanto uma boa representação nesse fórum restaurador." Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/mundo/constituente-chile-novo-modelo-nacao/>. Acesso em: 02/10/2023.

58 "Apesar de serem reconhecidos pela Convenção 169 da OIT, a falta de representação dos afro-chilenos – agrupados principalmente em Arica – na Convenção e o pouco apoio que receberam das convenções indígenas, implicou que a concessão de seus direitos coletivos arriscar no processo. Diante disso, também não descartam uma greve de fome". HIGUERA, Camila; HUENCHUMIL, Paula. Tribais afrodescendentes chilenos irão à CIDH se forem excluídos na nova Constituição. **Interferencia**, 12/04/2022. Disponível em: <https://interferencia.cl/articulos/pueblo-tribal-afrodescendiente-chileno-acudira-la-cidh-si-son-excluidos-en-la-nueva>. Acesso em: 02/10/2023.

Os materiais de divulgação para uso na posse de Gabriel Boric

Bianca e Natália trouxeram uma série de materiais que eram distribuídos ou vendidos nas ruas, em preparação ao momento da posse. Bianca relata:

Em todo lugar, a gente vê vendendo essas bandeiras e lençinhos. Tem camelô vendendo na rua, é uma coisa muito popular. Destaque para bandeiras e lenços com 'nenhum direito a menos'. Tudo baratinho, vendido na rua. É muito distante de nós.

Ainda assim, os materiais produzidos no Brasil fizeram sucesso entre as chilenas, conforme Bianca complementa sua fala:

Mostrei o kit da Marielle e elas ficaram loucas, entendeu? Camisa, dei tudo que eu tinha da Marielle para elas.

E há mais sobre os materiais utilizados no Chile, no tocante à simbologia que eles trazem. Bianca esclarece, ao apresentar algumas bandeiras que foram utilizadas na Marcha de Mulheres e na cerimônia de posse de Boric:

Essa bandeira aqui é de origem mapuche [conhecida como wenufoye], que virou símbolo em 2019⁵⁹. A gente fez uma roda com lideranças indígenas e lá foi dito por uma liderança feminina: 'Quando o povo chileno precisou de um símbolo forte de resistência, foi natural que esse símbolo fosse a bandeira mapuche.' Achei bom, consistente. Ela falou do problema do que se chama apropriação: 'Ela acontece quando você transforma [algo de outrem] em lucro. Então, se a partir de hoje uma multinacional começar a vender uma bandeira mapuche para gerar lucro, isso é um problema. Mas, enquanto a resistência estiver na rua em torno desse símbolo, não tem problema.

A posse de Gabriel Boric

Em 11 de março de 2022, Gabriel Boric, o mais jovem presidente da história do Chile, aos 36 anos de idade, assumiu a presidência do país. A comitiva brasileira estava presente, e dentre seus membros estavam as duas relatoras que aqui apresentam seus testemunhos e percepções. Bianca relata:

No seu discurso de posse⁶⁰, Boric é muito coerente com o que foi apresentado na sua campanha. Ele também é muito coerente com a ocupação das ruas, que é primordialmente feminista. Ouvimos também o discurso das ministras: a ministra da Mulher, a ministra da Justiça e dos Direitos Humanos, a ministra das Relações Exteriores e uma vice-ministra das Mulheres, Luz Vidal, que é uma mulher mapuche, ex-empregada doméstica e presidenta do Sindicato das Trabalhadoras Domésticas⁶¹.

59 "Na sexta-feira da maior marcha do Chile, 25 de outubro, dezenas de milhares de bandeiras mapuche, o wenufoye – canelo del cielo – acenou entre os manifestantes que caminhavam pela Alameda em direção à Plaza Italia, tornando-se um símbolo de resistência agora não só de o povo mapuche. Ainda no auge da manifestação, no alto do monumento ao General Baquedano, um homem agitou esta bandeira, cujas fotos viralizaram em diversas redes sociais, tornando-se um dos cartões postais mais característicos desta grande marcha. O wenufoye nasceu em 1992 do Conselho de Todas as Terras como símbolo de autonomia, 500 anos após a chegada de Cristóvão Colombo ao continente. Outra das bandeiras reconhecidas do povo Mapuche é a Wüñelfe (estrela), a bandeira azul com uma estrela de oito pontas. Claudio Alvarado Lincopi, membro do centro de pesquisa Comunidad de Historia Mapuche, afirma que "o uso da bandeira mapuche tem a ver com um processo de identificação, sobretudo com os jovens chilenos que a apropriam, talvez por perceberem seu próprio marrom. Essa identificação não é vazia e até agora representa uma crítica ao modelo neoliberal, não é apenas de uma nação, é também uma crítica à configuração democrática. É cheio de conteúdo dos oprimidos, nesse sentido os convoca em seus sentidos mais profundos". "Para mim, as bandeiras nas marchas significam várias coisas, como a luta que o povo mapuche tem travado, que é uma batalha ancestral, depois de tanto tempo começa a ter visibilidade política. Acho que de alguma forma representa uma resistência a um modelo, a um Estado que não conseguiu considerá-los. Hoje, muitos simpatizam com o que está acontecendo com os povos indígenas", reflete Verónica Figueroa Huencho, acadêmica da Universidade do Chile." HUENCHUMIL, Paula. O destaque da bandeira mapuche na grande marcha, símbolo político dos protestos. *Interferencia*, 27/10/2019. Disponível em: <https://interferencia.cl/articulos/el-protagonismo-de-la-bandera-mapuche-en-la-gran-marcha-un-simbolo-politico-de-las>. Acesso em: 02/10/2023.

60 Para uma leitura completa do discurso de Gabriel Boric, acesse <https://prensa.presidencia.cl/discurso.aspx?id=188237> Acesso em: 02/10/2023

61 Luz Pascala Vidal Huiriqueo (Padre Las Casas, 24 de dezembro de 1973) é uma empregada doméstica chilena, dirigente sindical e política de origem mapuche. Desde 11 de março de 2022, é Subsecretária de Mulheres e Igualdade de Gênero do governo Gabriel Boric. Disponível em: https://es.wikipedia.org/wiki/Luz_Vidal. Acesso em: 02/10/2023.



E o Boric traz uma retomada muito forte do Allende⁶², que foi presidente deposto por Pinochet, assassinado, morto dentro do Palácio de La Moneda, que foi bombardeado. Foi muito emocionante porque Boric foi o primeiro presidente a fazer um discurso de uma sacada do Palácio de La Moneda desde a última vez, que havia sido com Allende. Havia muita gente idosa na praça, muita gente emocionada que estava esperando isso há cinquenta anos.

Ainda que tomada pela emoção do discurso de Boric, Bianca relata que nem tudo no discurso inaugural foram flores:

O discurso do Boric é lindo. Todas as pautas, tudo que a gente quer no discurso estava lá... e, em seguida, vem a proposta de fechar as fronteiras⁶³. Isso não foi só proposta de campanha, como foi discurso na posse. Fechar fronteiras é sobre a gente também, é fechar para bolivianos, venezuelanos e haitianos. É fechar para a gente.

As mulheres no governo Boric

O governo Boric inicia com uma radicalização na participação de mulheres em posições de comando: 14 ministras e 10 ministros⁶⁴. A paridade de gênero no comando dos ministérios no Chile já havia sido uma realidade no governo de Michelle Bachelet. Não é por menos que Bianca e Natália têm muito a compartilhar sobre as falas das ministras, sua origem e sua trajetória até chegarem ao poder. Bianca compartilha aqui algumas de suas percepções:

A ministra de Relações Exteriores, Antonia Urrejola, já foi membro da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) da OEA. Conversamos com ela algumas vezes como Coalizão, e ela nos conhecia bem. Nos vimos algumas vezes anteriormente, eu de máscara, e ela me reconheceu, o que me impressionou pela sua atenção aos detalhes. Ela começou dizendo: "Todas as ministras fizeram discurso de ministras, mas eu quero pedir licença para falar não como futura ministra das Relações Exteriores, mas como ex-comissária da CIDH que conhece o trabalho de vocês no Brasil. Vocês precisam conversar com mais pessoas e, a partir desse lugar de movimento negro, construir de forma mais ampla." Essas palavras dialogam com o que Ochy nos disse no hotel e que deixou parte da nossa comitiva bastante reflexiva. Ochy afirmou que a identidade de mulher negra foi fundamental para nós, pois nos permitiu ser um sujeito político. Não adianta mais repetir que somos mulheres negras que sofrem; precisamos entender o que faremos a partir de agora. Esse desafio trazido por Ochy ressoou com as palavras da ministra Antonia, e temos refletido muito sobre isso.

A comitiva teve um encontro privado com a Ministra das Relações Exteriores, Antonia Urrejola, que já conhecia Bianca de outros espaços de defesa de direitos humanos. Neste encontro ela falou especificamente da luta antirracista no Brasil. Bianca recorda:

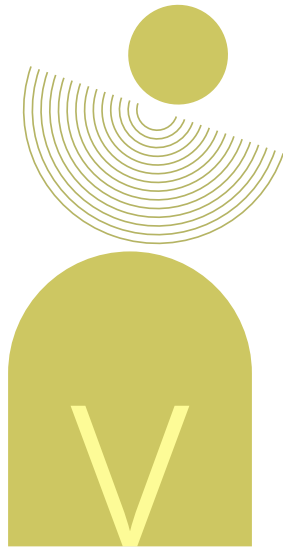
A ministra de Relações Exteriores, Antonia Urrejola, já foi membra da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) da OEA. Nós conversamos com ela algumas vezes como Coalizão, e ela era, portanto, conhecida nossa e conhecia a Coalizão. Nos vimos algumas vezes anteriormente; eu estava de máscara, e ela me reconheceu. Achei que ela é muito atenta. Ela falou assim: "Todas as ministras fizeram discurso de ministras, e eu quero pedir licença para vocês porque não quero falar

62 Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Salvador_Allende

63 "... em relação à estratégia migratória do governo Boric, Juan Carlos Tanus, ativista colombiano dos direitos humanos e dos direitos de pessoas migrantes, afirmou em entrevista que a postura do presidente do Chile de distribuir por meio de cotas a quantidade de migrantes da América Latina que esperam entrar no país "é um critério semelhante ao proposto pelos Estados Unidos e Canadá, que determinam um certo número de migrantes de acordo com a necessidade de mão de obra das grandes empresas". [...] O defensor dos direitos humanos afirma que Gabriel Boric "está imitando as práticas migratórias do regime do seu antecessor, Sebastián Piñera". CORNEJO, Andrés Figueroa. Primeiros dias do governo Boric apontam sinais de uma crise precoce? **Brasil de Fato**, 24 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/04/24/primeiros-dias-do-governo-boric-apontam-sinais-de-uma-crise-precoce>. Acesso em: 02/10/2023.

64 Maiores detalhes em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/21/gabriel-boric-apresenta-gabinete-ministerial-com-14-mulheres-e-10-homens-para-comandar-o-chile> Acesso em: 02/10/2023

como futura ministra das Relações Exteriores, mas sim como ex-comissária da CIDH, que conhece o que vocês estão fazendo no Brasil. Vocês precisam conversar com mais pessoas. Vocês precisam, a partir desse lugar de movimento negro, construir de forma mais ampla.” Isso que ela falou dialoga com o que a Ochy nos disse no hotel e que deixou uma parte da nossa comitiva muito pensativa. A Ochy falou assim: “O lugar de mulher negra, essa identidade foi fundamental para nós porque não éramos nada. Então, ser mulher negra nos permitiu sermos um sujeito político, e nós estamos fazendo isso. Ninguém tem mais dúvida de que a gente existe, de que a gente é importante, de que a gente tem protagonismo. Não adianta mais ficar repetindo ‘eu sou mulher negra, sou mulher negra, mulher negra sofre, a mulher espera.’ Acabou isso; a gente precisa entender o que vai fazer a partir de agora.” Foi um desafio importante que a Ochy trouxe e que me parece dialogar muito com o que a ministra Antonia falou, e estamos bem pensativas sobre isso.



Outros comentários
das participantes
no Diálogo

Antonia Quintão

Bom, primeiro eu quero agradecer pelo relato. Foi um relato bem completo, bem minucioso, e parabéns pela apresentação, que foi muito interessante. Eu ouvi atentamente e chamou muito a atenção o fato de que, em alguns momentos, o que se passa nos países da América Latina é muito parecido com o que temos aqui. A palavra-chave é a violência. Violência, usurpação, exploração, que levam à invisibilidade do protagonismo dos povos autóctones e dos povos negros.

Eu me lembro que eu tinha uma professora de história ibérica que gostava de dizer: nós descendemos de uma cultura e de uma civilização que foi estuprada. Ela usava essa palavra. Ela dizia: "Eu gosto de usar essa palavra porque ela dá a dimensão da violência que esses povos sofreram." E foi uma violência total, uma violência completa, uma violência íntima, uma violência absoluta, e isso nos aproxima na América Latina. Porém, ao vermos a história do Brasil, sabemos também que as elites sempre buscaram olhar mais para a Europa e os Estados Unidos e dar as costas para os países latino-americanos. E isso tem sido uma constante. Por isso, é tão importante esse diálogo, é importante essa aproximação. Isso certamente tem um papel fundamental no fortalecimento das nossas lutas.

Também é interessante destacar o Brasil como uma referência. Nem que seja pelo tamanho, mas o Brasil se coloca como um país no qual as pessoas prestam muita atenção. E isso mostra também a nossa responsabilidade. Estou muito feliz de ver principalmente a dimensão de Marielle Franco, o fato de que ela significa esta mensagem de esperança. Isso é muito bom. Isso acalenta o coração da gente no sentido de que a morte dela não foi em vão. Parabéns para vocês, foi muito bom ouvir o relato.

Bom, primeiro eu quero agradecer pelo relato. Foi um relato bem completo, bem minucioso, e parabéns pela apresentação, que foi muito interessante. Eu ouvi atentamente e chamou muito a atenção o fato de que, em alguns momentos, o que se passa nos países da América Latina é muito parecido com o que temos aqui. A palavra-chave é a violência. Violência, usurpação, exploração, que levam à invisibilidade do protagonismo dos povos autóctones e dos povos negros.

Eu me lembro que eu tinha uma professora de história ibérica que gostava de dizer: nós descendemos de uma cultura e de uma civilização que foi estuprada. Ela usava essa palavra. Ela dizia: "Eu gosto de usar essa palavra porque ela dá a dimensão da violência que esses povos sofreram." E foi uma violência total, uma violência completa, uma violência íntima, uma violência absoluta, e isso nos aproxima na América Latina. Porém, ao vermos a história do Brasil, sabemos também que as elites sempre buscaram olhar mais para a Europa e os Estados Unidos e dar as costas para os países latino-americanos. E isso tem sido uma constante. Por isso, é tão importante esse diálogo, é importante essa aproximação. Isso certamente tem um papel fundamental no fortalecimento das nossas lutas.

Também é interessante destacar o Brasil como uma referência. Nem que seja pelo tamanho, mas o Brasil se coloca como um país no qual as pessoas prestam muita atenção. E isso mostra também a nossa responsabilidade. Estou muito feliz de ver principalmente a dimensão de Marielle Franco, o fato de que ela significa esta mensagem de esperança. Isso é muito bom. Isso acalenta o coração da gente no sentido de que a morte dela não foi em vão. Parabéns para vocês, foi muito bom ouvir o relato.

Solimar Carneiro

Primeiro, quero parabenizar essas “molecas” pela prestação de contas. Isso é realmente uma verdadeira prestação de contas. É bom saber que fomos muito bem representadas, porque o retorno que elas trazem é muito importante para nós. Talvez nunca tenhamos vivenciado isso, esse tipo de retorno de cada uma que viaja e nos traz esse relato, fazendo essa prestação de contas. Acho que deveríamos adotar isso. “O que fui fazer lá? Olha o que fiz, o que não fiz.” Algo assim. Estou impressionada com vocês, molecas! Muito obrigada. Muito obrigada pelo retorno. Obrigada mesmo.

Tânia Portella

Muito bom o compartilhamento dessa experiência de vocês. Às vezes, ficamos muito ligadas em locais que estão mais distantes e sabemos de coisas que já estão registradas, mas é nessa retomada da atividade que podemos saber o que as novas gerações estão propondo para essas discussões. Então, só tenho a agradecer por vocês terem compartilhado essa experiência. Achei muito bacana essa avaliação da Solimar de que cada uma que for fazer algo traga uma devolutiva, pois é uma forma de nós também participarmos de tudo o que acontece, de tudo que as pessoas fazem em Geledés. Obrigada, viu?

Outra participante presente ao encontro destaca

Quando a gente vê como as nossas deputadas estão psicologicamente, significa que não muda nada. Pelo contrário, é melhor repensar se elas devem entrar nessa fria porque elas não estão prontas para essa disputa.

E mais uma participante traz esta importante contribuição

O Brasil está impactado nesse momento de pandemia, acho que mais do que antes talvez, por essas articulações do próprio neoliberalismo que têm detonado a nossa capacidade de organização. Quando vocês falam em movimento, ir para a rua, eu já me vi muito nessa condição como professora. E hoje a tecnologia é tão potente que não temos mais condição de enfrentar uma greve. Temos a questão das mulheres porque o professorado no Brasil é de mulheres na sua maioria. Tivemos muitas conversas sobre isso no movimento de escola. O impacto da pandemia nas casas, nas vidas, inviabiliza até a própria greve.

Houve um momento em que fomos obrigadas a voltar para as escolas. E aí havia um movimento de greve por toda ameaça de corte salarial. Estou falando do movimento de professores nas ruas porque, além do movimento de mulheres, esta é a minha maior experiência de rua. Lembro-me do último movimento em que estávamos na frente da câmara e aquele vereador, nosso inimigo, estava chamando todo mundo de vagabundo lá da sala dele e a polícia soltando borrachada. Sinto que estamos neste mesmo momento, como vocês trouxeram também, e o que fazemos enquanto movimentos sociais, enquanto mulheres negras articuladas? Temos experiências maiores e anteriores, mas essa é uma preocupação que recomendo levar para os outros diálogos: como politicamente nos articulamos no meio do avanço dessas atrocidades, do bolsonarismo, do conservadorismo? Uma coisa que a Sueli sempre fala é: o que vem depois? Das eleições e do resultado delas, porque o bolsonarismo não é só o Bolsonaro, mas sim tudo o que ele trouxe e que vai se perpetuar em nossa sociedade por muito tempo.



Bianca finaliza o diálogo com a seguinte observação:

O Instituto Marielle Franco e o Movimento Mulheres Negras Decidem apresentaram um projeto chamado Estamos Prontas¹. É a tradução exata do que estamos falando. O que é esse projeto? É um projeto de apoio a candidatas ao Legislativo Estadual. Fui chamada para participar de uma mesa para falar lá no Rio de Janeiro no dia do aniversário do assassinato da Marielle. E eu disse: "Me desculpem, eu talvez esteja sendo mal-educada, mas a gente está pronta para quê? A gente está pronta para morrer, é isso?"

Então, me parece que o Estamos Prontas pode ficar esvaziado, porque não dá para ficar tentando eleger gente sem ter base social. Não dá para ficar tentando lançar várias de nós para um topo que achamos que existe, se não tivermos uma base. Então, ou fazemos um movimento negro massivo ou não me parece ser para nós.

1 Disponível em: <https://www.estamosprontas.org/edital> Acesso em: 02/10/2023

